xp Inc. Jornalistas & Cia

Edição 1.361 - 1 a 7 de junho de 2022

SAMSUNG









O jornalismo científico resiste e mostra o seu valor

e há uma coisa que não combina com ciência é o obscurantismo e se há no jornalismo científico um fator que, embora atrapalhe, só serve para motivar ainda mais quem nele atua é exatamente o descrédito propagado por autoridades contra a ciência, sobretudo quando repercutido, com pouco caso, por seguidores acéfalos ou mal-intencionados.

Não poderia, pois, haver para este Jornalistas&Cia momento mais oportuno do que o Dia da Imprensa para dedicar seu tradicional especial ao jornalismo científico, mostrando as façanhas e

dificuldades enfrentadas por esse núcleo estratégico de nossa atividade, que, a despeito dos problemas financeiros e da crise da mídia – e, claro, dos contínuos ataques dos mandatários deste País –, segue seu caminho com dignidade, buscando levar para a sociedade informações confiáveis e inteligíveis da ciência.

A ideia nasceu num almoço que tivemos, na redação do J&Cia, com Luiz Roberto Serrano, que vinha de uma temporada como assessor de comunicação do reitor da poderosa USP, a nossa Universidade de São Paulo. Numa agradável viagem pelos acontecimentos da ciência, em que a USP está sempre presente, e de como o jornalismo científico foi desafiado na pandemia da Covid-19, surgiu a pergunta: e se fizéssemos um mergulho nessa atividade, para mostrar um pouco do que se está fazendo, do que se deixou de fazer com a crise, do que está por fazer para recuperar esse precioso tempo perdido? E se aproveitássemos para uma homenagem ao jornalismo científico, dedicando a ele o especial do Dia da Imprensa? E por que não o próprio Serrano, que vinha de um convívio muito próximo com o tema, na jornada como assessor de comunicação do reitor da USP?

Ao ver o brilho nos olhos dele, ouvir seu sim foi questão de fração de segundos.

E após dois meses de trabalho, em que ele se pôs a ouvir jornalistas especializados, assessores da área de ciência, pesquisadores, acadêmicos e fontes, aqui está o resultado que oferece aos leitores de Jornalistas&Cia e do Portal dos Jornalistas



um amplo e detalhado panorama sobre a prática e os desafios do jornalismo científico no Brasil. Não deixa de ser um documento histórico sobre essa atividade, que teve como seu grande mentor o cientista e jornalista José Reis, sempre muito reverenciado e que até deu seu próprio nome a um prêmio superconcorrido de jornalismo científico.

Nossos agradecimentos a Luiz Roberto Serrano. E às organizações que gentilmente se dispuseram a apoiar a iniciativa.

É o nosso presente pelo Dia da Imprensa a todos os que acompanham Jornalistas&Cia.

Eduardo Ribeiro e Wilson Baroncelli



Os melhores treinamentos

Porta-Vozes I Conselhos & Lideranças I ESG I Crises I Cenário Global





O banco para um mundo em mudança





Jornalistas & Cia Edição 1.361 página 3

SAMSUNG







Jornalismo científico: os desafios de manter o patamar alcançado na cobertura da pandemia

Por Luiz Roberto Serrano (*)

"Nesses dois anos de pandemia, a demanda sobre conhecimento rigoroso a respeito dos cuidados a tomar com a Covid, as formas de enfrentá-la, as pesquisas e as descobertas de vacinas, as buscas de remédios, tudo mobilizou a ciência extraordinariamente... Isso tudo despertou muita atenção para a ciência. Mas, o que é espantoso, junto com isso veio um elogio da ignorância, da estupidez, da morte, com campanhas de negacionismo"

A imprensa, que comemora seu dia neste 1 de junho, esteve no epicentro do fenômeno acima descrito por **Renato Janine Ribeiro**, presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência - SBPC.

O noticiário sobre a Covid, desde 2020, maximizou o espaço de cobertura da doença, seus efeitos, o modo de enfrentá-la, o combate ao negacionismo, de uma forma e de um espaço inéditos. O tema teve enorme presença nos veículos escritos, nas imagens de TV, no áudio das rádios e espaços nas mídias sociais. Superou enormemente a modesta cobertura que temas ligados à Ciência sempre receberam na mídia, e cujo espaço encolheu ao longo dos tempos, especialmente em função das modificações técnicas e consequentes dificuldades econômicas que o setor enfrenta.

Foi um momento de visibilidade diferenciada para o jornalismo científico e a divulgação científica, duas atividades semelhantes mas essencialmente diferentes, que inundaram uma sociedade perplexa pelas milhões de mortes e deletérios efeitos provocados pela Covid e que ansiava por informações e orientação sobre como lidar com a doença, além de conviver com o absurdo negacionismo ressaltado por Ribeiro.

Graças às pesquisas e vacinas rapidamente produzidas por laboratórios, universidades e empresas, a Covid, após enorme sofrimento, milhões de mortes e adaptações ocorridas no convívio humano, hoje está razoavelmente controlada, embora resistindo em algumas regiões do planeta, mas tudo indicando que deverá permanecer como mais uma doença gerenciável com a qual a humanidade deve conviver.

Avanço ou recuo?

Dentro dessa perspectiva, é lícito imaginar qual será o espaço que, daqui por diante,

deverão ter o jornalismo e a divulgação científicos na mídia em geral, após os imensos serviços que prestaram mundo afora? Deverá manter-se ou encolher, voltando aos níveis pré-Covid?

O experimentado jornalista Carlos Eduardo Lins da Silva, assessor da Presidência da Fapesp (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo) e professor do Insper, faz questão de registrar que a pandemia proporcionou ao jornalismo científico extraordinária chance de comprovar sua importância, que foi bem aproveitada: "Não me recordo, nas minhas cinco décadas como jornalista profissional, de ter testemunhado período em que o jornalismo científico foi tão destacado quanto nos últimos dois anos".

"Sim e não", responde a essa pergunta a jornalista **Graça Caldas**, pesquisadora do Labjor/IEL da Universidade de Campinas: "Já havia um movimento de expansão da









1 DE JUNHO. DIA DA IMPRENSA.

PARABÉNS AOS JORNALISTAS QUE CONECTAM O MUNDO AOS ACONTECIMENTOS NA VELOCIDADE 5G.







GERDAU



SAMSUNG



cobertura científica incentivada pelas redes sociais. Como sabemos, tradicionalmente, a área de Saúde, observada em diferentes pesquisas de opinião, ocupa um espaço preferencial nas mídias". E acrescenta: "Com a pandemia e todo o debate público sobre a importância da vacinação em massa, preconizada pelos especialistas na área, a postura negacionista do governo federal, ao lado de mortes inevitáveis pelo vírus, o tema entrou naturalmente na casa

das pessoas que buscavam informações sobre como proceder, diante das controvérsias frequentes entre o poder público, a mídia e a sociedade".

Graça acredita que "os avanços da ciência no combate à pandemia, com resultados visíveis e a presença de cientistas cotidianamente na mídia, provocou naturalmente maior credibilidade na ciência e na mídia, que terminaram atuando em conjunto, face à ausência do poder público, que deliberadamente procurava confundir a população sobre a eficácia da vacina no combate ao vírus da Covid e suas variantes".

"Em relação ao passado recente, a cobertura dos avanços da ciência no combate à pandemia foi um ponto fora da curva", acredita **Herton Escobar**, repórter especial do Jornal

da USP. "Mas em relação ao futuro, espero que não, temos que esperar para ver".

Segundo analisa, durante a pandemia a ciência ganhou as manchetes e passou a permear todo o noticiário diário: "Foi uma imposição da pandemia ao jornalismo, e tenho prazer em dizer que, apesar de todas as limitações, a cobertura jornalística no Brasil foi de ótima qualidade".

Na opinião dele, "a imprensa cumpriu um papel crucial de informar a população sobre uma série de questões complexas relacionadas à doença, ao vírus, às vacinas e às outras medidas farmacológicas e não farmacológicas de enfrentamento da pandemia". E ressalta: "Além de dar notícias verdadeiras, teve que gastar uma energia enorme desmentindo notícias falsas e teorias conspiratórias; e fez isso muito bem".

Mas Escobar manifesta dúvidas, ao reforçar a pergunta sobre se, a partir de agora, com maior controle da Covid,

haverá avanço ou recuo na cobertura da mídia sobre Ciência: "Será que essa valorização permanecerá viva no noticiário daqui para a frente, depois que a pandemia acabar, ou voltará aos níveis pífios da era pré-Covid?"

Para tentar responder a essa pergunta, Jornalistas&C ia pesquisou a opinião de jornalistas e cientistas sobre o jornalismo científico e a divulgação científica ao longo da história recente do País, neste momento especial da Covid e suas perspectivas. Destacamos nesta reportagem algumas das principais respostas deles a um questionário que lhes enviamos. E publicamos aqui a íntegra de todas elas.

Herton Escobar

(*) Luiz Roberto Serrano é coordenador de Conteúdo e Planejamento da Superintendência de Comunicação Social da USP, ex-editor de seminários no Valor Econômico, ex-editor de Exame, Veja, Gazeta Mercantil, ex-assessor de imprensa de Ulysses Guimarães na Campanha das Diretas.







Vamos juntos salvar o planeta?



Você sabia que o lixo eletrônico gerado no mundo chegará a 74 milhões de toneladas em 2030? E o Brasil é um dos países que mais produzem esse resíduo no mundo. Nossas atitudes podem ajudar a construir um futuro mais sustentável. Com o programa Recicle com a Vivo, já demos o destino correto a mais de 128 toneladas de resíduos eletrônicos. E queremos convidar você a fazer parte deste movimento, destinando celulares, tablets, cabos, modens e decoders que não usa mais. Leve seus aparelhos a uma das 1.700 lojas Vivo com pontos de reciclagem em todo o Brasil.

A Vivo cuida do lixo eletrônico e juntos cuidamos do meio ambiente.



RECICLE COM A VIVO

#vivosustentavel



Conheça a campanha e venha com a gente.





vivo.com.br/recicle

Fonte: The Global E-waste Monitor 2020 da ONU.

SAMSUNG Jornalistas & Cia Edição 1.361 vivox









O jornalismo científico como esteio para o desenvolvimento

Ao comparar o Brasil com o que ocorre nos países cientificamente mais desenvolvidos, o site Mídia Ciência, da Fapesp, registra: "O apoio da população aos investimentos em pesquisa científica e tecnológica é creditado à qualidade do jornalismo lá praticado. Isso foi comprovado por estudo realizado pela National Science Foundation e publicado na revista Nature, vol. 394, p. 107, que atribui a visão majoritariamente favorável da opinião pública norte-americana, a respeito do impacto social das atividades científicas e tecnológicas, à sua intensa cobertura jornalística nos diferentes meios de comunicação".

Essa constatação é inspiradora para iluminar o caminho que o jornalismo científico pode percorrer para ocupar um espaco maior na mídia brasileira, uma vez que não se espera que vá manter a ampla performance mostrada durante a pandemia.

Segue o pensamento de profissionais da área sobre o estado da arte do jornalismo científico no Brasil atualmente.



"Estamos extremamente atrasados"

Luiza Caires, editora de Ciências do Jornal da USP

O jornalismo científico pode ajudar a população a compreender melhor aspectos e funcionamento da ciência, o que já cria um ânimo favorável ao investimento nela - ninguém defende aquilo que não conhece ou não entende. Governos, especialmente os mais populistas que têm tido êxito em se eleger ao redor do mundo, definem suas prioridades pensando menos em longo prazo e mais em demandas imediatas do eleitorado. Mais do que nunca é preciso criar numa parte

maior da população cultura de que ciência e tecnologia importam para avançar em metas econômicas e de desenvolvimento humano. Mostrar o que a ciência nacional faz e pode fazer em reportagens não esgota, e nem é o único fim do jornalismo científico, mas entra na soma desta cultura favorável à ciência. Especialmente quando mostra a ciência aplicada e em conexão direta com a melhoria da vida das pessoas.

Estamos extremamente defasados. A maior parte da cobertura dos temas de ciência é feita por repórteres generalistas, sem intimidade com os meandros da ciência, e sem espaço, tempo, e orientação para explorar melhor as pautas. Feita a ressalva a este quadro mais amplo, que é um pouco desanimador, ainda há iniciativas interessantes, assim como profissionais fazendo um ótimo trabalho.

"Houve progresso, mas em uma parcela reduzida de veículos"

Wilson da Costa Bueno, professor sênior do Departamento de Jornalismo e Editoração da ECA/USP e diretor da Comtexto Comunicação

A divulgação de ciência, tecnologia e inovação pelas mídias brasileiras tradicionais tem experimentado notável crescimento nos últimos anos pela emergência de temas de grande repercussão (mudanças climáticas, insegurança alimentar, Covid-19, desmatamento da Amazônia e







O PALCO MUNDO SE MOLDA COM AÇO GERDAU

O ROCK IN RIO BRASIL 2022 TERÁ O MAIOR PALCO MUNDO DA HISTÓRIA DO FESTIVAL



Quando a maior empresa brasileira produtora de aço se une ao maior festival de música e entretenimento do mundo, o resultado só pode terminar em um grande palco. Em 2022, o Rock in Rio ganha um novo Palco Mundo, um dos principais ícones do evento, que conta com aço e tecnología da Gerdau. Temos muito orgulho de ser o aço oficial do Rock in Rio e de apresentar o maior palco da história do evento.

As toneladas de aço Gerdau, um produto infinitamente reciclável, que estão na cenografia desse símbolo da música, representam muito mais que uma estética moderna. Esse aço representa a dedicação de milhares de pessoas que moldam um futuro melhor: nossos colaboradores e colaboradoras, clientes, fornecedores e milhares de catadores e cooperativas de reciclagem, que, juntos, estão ajudando não só a dar palco para os maiores artistas do planeta, mas também a solucionar os dilemas e desafios da sociedade.

Gerdau, O aco oficial do Rock in Rio Brasil 2022.

GERDAU. O AÇO
OFICIAL DO
ROCK IN RIO
BRASIL 2022.











Jornalistas & Cia Edição 1.361 página 9

SAMSUNG







destruição da biodiversidade, viagens espaciais, Astrofísica de maneira geral, inteligência artificial, dentre outros). Mas é preciso considerar que há milhares de veículos e programas jornalísticos no País e que essa realidade se aplica a uma parcela reduzida deles. Além disso, o incremento da cobertura de CT&I não significa melhor cobertura e, excetuados alguns poucos casos, ainda predominam a imprecisão das

informações, a perspectiva sensacionalista, a falta de debate sobre as causas dos fenômenos (climáticos, nas áreas da saúde etc.) e sobre as suas soluções. Infelizmente, observa-se paralelamente o crescimento de uma onda anticiência, caracterizada pelo negacionismo. É triste reconhecer que autoridades (governantes e parlamentares), e mesmo membros da comunidade científica e especialistas (como no caso da cobertura da Covid-19), têm contribuído para aumentar a circulação de informações falsas e imprecisas.



"Espaço ainda restrito"

Carolina Patrícia Aires, professora do Departamento de Ciências Biomoleculares da Faculdade de Ciências Farmacêuticas de Ribeirão Preto (SP)

Comparado ao período pandêmico, o espaço pós-pandêmico ainda é restrito para o jornalismo científico, lamentavelmente. Ou seja, os benefícios sociais da ciência e a relevância dos cientistas como principais fontes de informação ainda são pouco veiculados, principalmente em mídias de acesso mais popular (TVs abertas, por exemplo). Muitas vezes, percebemos uma certa necessidade da mídia por pautas atrativas, como novas moléculas, novos medicamentos, novos tratamentos, experiências inéditas de rápida aplicabilidade social. Isso não

acontece todos os dias no ambiente acadêmico. Entretanto, outros assuntos poderiam tornar-se pautas, como os conhecimentos básicos sobre índices glicêmicos de alimentos (quantidade de açúcar nos alimentos, essencial para o controle do diabetes), por exemplo. Temos espaço nas mídias tradicionais para uma receita gastronômica, mas não um espaço para discutir as propriedades dos alimentos. A implementação regular de tais espaços, com foco na ciência, seria de grande valia e teria grande alcance, o que poderia contribuir inclusive para a tomada de decisão na hora de escolher ou não determinado alimento, como no caso deste exemplo. Enquanto assuntos como esse não forem instituídos como "pauta", dificilmente teremos uma mudança nesse cenário. Quadros curtos com um pesquisador falando de forma simples sobre um conceito complexo têm grande potencial de aproximar a ciência da sociedade. Isso implica modificar as características da programação brasileira, introduzindo questões científicas simples que podem contribuir para maior autonomia e tomada de decisão pela população.

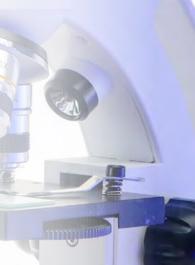


Vanja Joice Bispo Santos, jornalista, Museu Paraense Emílio Goeldi

O jornalismo científico no Brasil hoje é diferente, reflete as mudanças estruturais do jornalismo, mas com as particularidades nacionais e da conjuntura atual. Não existe aquele *boom* do jornalismo especializado observado em décadas anteriores, que propiciaram a criação de veículos e seções especiais em grandes veículos jornalísticos voltadas para CT&I e questões ambientais. As agências de notícias e













GERDAU







redações diminuíram. Profissionais mais experientes e com melhores salários perdem seus postos. Em contrapartida, multiplicaram-se experiências de agências e programas alternativos em novas plataformas. Grandes investigações jornalísticas são contadas em novos formatos na web e outras migram de veículos impressos para livros. Observase na web um novo perfil de cientista divulgador de seus conteúdos e jornalistas em canais próprios. Novos gêneros e formatos jornalísticos surgiram para contar histórias mais

longas, convergindo linguagens. São mudanças interessantes porque aumentam a oferta de conteúdo. Temos ofertas, mas pergunto se temos mais leitores além dos que já estão nos círculos de pessoas interessadas por esses assuntos.

No Brasil, essa multiplicidade de ofertas acontece em uma conjuntura anticiência, autoritária, de precariedade da educação, de desorganização das políticas públicas e das instituições de um estado democrático. Não há estímulo para leitura, análise e reflexão crítica - veja a forma como vêm sendo tratadas e discriminadas as ciências humanas e sociais, com repercussões no campo do jornalismo e nas escolas. Todo o campo científico, mesmo em uma pandemia, sofre com a desvalorização de sua importância por gestores e o campo político. As instituições científicas e educativas vêm sendo minadas.



"Ninguém valoriza aquilo que não conhece"

Herton Escobar, repórter especial do Jornal da USP

É por meio do jornalismo que a maior parte da sociedade mantém-se informada sobre o desenvolvimento da ciência, seus avanços, desafios e conquistas. Vale aqui a máxima de que "ninguém valoriza aquilo que não conhece", e o jornalismo é certamente um dos agentes de maior protagonismo na manutenção dessa relação entre ciência e sociedade fortemente apoiado, nos últimos anos, pelo crescimento das atividades de divulgação científica nas redes sociais e outros

meios digitais, que certamente ampliaram enormemente a quantidade de conteúdo sobre ciência disponível para consumo pela sociedade, mas que (vale ressaltar) também dependem fortemente do jornalismo stricto sensu como fonte de notícias e informações.

Para que um país se desenvolva cientificamente é preciso que o poder público valorize a ciência. Para que o poder público valorize a ciência, é preciso que a sociedade valorize a ciência e, consequentemente, cobre o apoio do poder público a ela. Para que a sociedade entenda a importância da ciência e lhe dê valor, ela precisa estar bem informada sobre o que acontece na ciência e como isso afeta a vida das pessoas. E quem cumpre essa função de manter a sociedade informada é o jornalismo (não isoladamente, pois há também outros atores relevantes nesse processo, como os educadores e divulgadores científicos, a comunicação institucional, o poder público etc. – mas volto a ressaltar: todos esses outros atores também se valem do jornalismo como fonte primária e indispensável de informações).



"Sem educação básica, divulgação de ciência é acessório"

Fabíola de Oliveira, jornalista, autora do livro Jornalismo Científico

"Se o país não oferece educação básica de qualidade para todos – e no Brasil sabemos que estamos muito longe de ter essa educação de qualidade universal -, a divulgação da ciência passa a ser quase que um acessório, ou alguma coisa distante para a maioria da sociedade.

vivox

SAMSUNG Jornalistas & Cia Edição 1.361







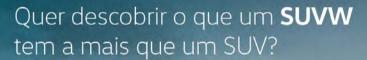
Estamos saindo da era dos impressos, dos iornais e revistas impressos, sem que grande parte da população tenha adquirido o hábito de ler jornais e revistas. Hoje a maioria das pessoas se informa pela TV aberta e pelas mídias sociais, e por esses meios as pessoas assistem ao que mais se equipara ao grau e à qualidade da educação formal que receberam. Não é à toa que as TVs educativas estão à míngua e que os bons programas sobre ciência se restringem às TVs pagas, inacessíveis para a maioria. Na

internet encontramos de tudo, mas cada qual vai buscar aquilo com que mais se identifica. Se a educação é ruim, a internet também tem tudo de ruim a oferecer. Inclusão digital é uma balela das grandes se você não tem "inclusão educacional"!

Chequei a pensar que devíamos fazer divulgação científica para as elites pensantes do País, sobretudo para os tomadores de decisão – no caso da ciência, a classe política. Seria necessário "convencer" os políticos sobre a importância de se investir em ciência para o desenvolvimento social e econômico. Fiz isso por um bom tempo, e ainda faço, por força do ofício. Mas hoje, francamente, com essa classe política desnudada pela corrupção e pelo atraso sob todos os ângulos que se olhe, já não há muito horizonte para a divulgação científica. Talvez para as crianças e os jovens, onde pode haver alguma esperança...

Então, em resumo, o jornalismo científico é muito importante, mas precisa estar assentado em uma boa base educacional. Se o conhecimento científico não faz parte da cultura da sociedade, o jornalismo científico cai no vazio. Ou limita-se a retroalimentar os "pares", ou a classe de cientistas entre ela própria, que é o que mais acontece.







Concessionária

Morumbi - Av. Giovanni Gronchi, 999 - Tel 5555-5555 Saúde - Av. Cursino, 1001 - Tel 5555-5555 Moema - Av. Ibirapuera, 2300 - Tel 4444-4444

www.concessionaria.com.br



Juntos salvamos vidas.

VOLKSWAGEN FINANCIAL SERVICES



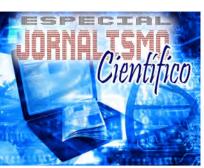


Jornalistas & Cia página 12

SAMSUNG





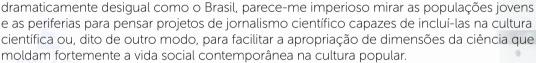


"Mirar as populações jovens e as periferias"

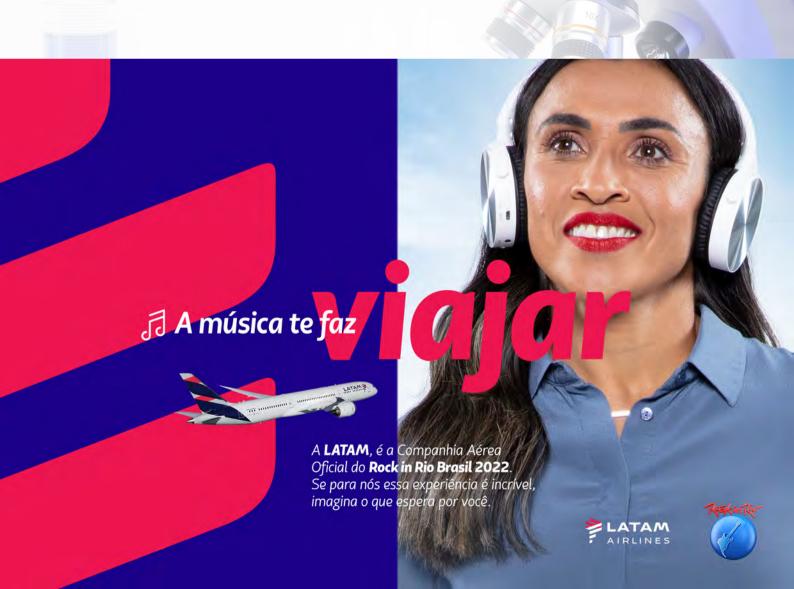
Mariluce Moura, jornalista, presidente do Instituto Ciência na Rua, ex-diretora da Revista Pesquisa Fapesp

Percebo o jornalismo científico como pilar essencial da difusão dos

fatos científicos numa sociedade. E dado que um efetivo, saudável e sustentável desenvolvimento da ciência num país pressupõe a apropriação da cultura científica por sua sociedade, o jornalismo científico torna-se peça fundamental para esse desenvolvimento da ciência em termos amplos. Em razão disso é que, num país tão dramaticamente designal como o Brasil, parece-me imperioso mira











Media alks (1)







"A extensa cobertura da Covid não foi uma exceção positiva"

Bruno de Pierro, especialista em Comunicação do Hospital Israelita Albert Einstein de São Paulo

Se falamos em termos de espaço e tempo dedicado a reportagens com conteúdo científico, sim, a pandemia pode ser interpretada como um período de exceção. Mas

pandemia pode ser interpretada como um período de exceção. Mas se pensarmos em termos qualitativos da cobertura científica, não houve uma "exceção" positiva. Evidentemente que a ciência nunca esteve tão destacada na mídia em geral como ocorreu durante as primeiras ondas de Covid-19 no País e no mundo. Vimos cientistas o tempo todo falando de vírus, testes diagnósticos, variantes e outros assuntos técnicos em telejornais como o *Jornal Nacional*, que ainda

tem uma audiência relevante. A transmissão ao vivo da CPI da Covid-19 mostrou rostos de pesquisadores e divulgadores de ciência que, àquela altura, já eram conhecidos do grande público. Passamos a ter a figura do "comentarista científico" em alguns programas de TV e frequentemente a capa de grandes jornais e revistas semanais estampou temas da ciência, especialmente aqueles relacionados à busca por tratamentos e vacinas contra a Covid-19.

Ao mesmo tempo, observou-se um fenômeno interessante: jornalistas que nunca haviam lidado com ciência e tecnologia foram escalados para atuar na linha de frente da pandemia. Repórteres que nunca haviam falado sobre ensaios clínicos, mutações de vírus, anticorpos neutralizantes e metodologias de pesquisa precisaram encarar, com muita agilidade, um novo vocabulário, para o qual não estavam preparados. O esvaziamento das redações e do jornalismo de ciência cobrou um preço, que foi a dificuldade da imprensa não especializada em noticiar fatos científicos diariamente. Soma-se a isso a crise de credibilidade vivida pela imprensa – face às "notícias" fraudulentas disseminadas por portais duvidosos, apenas aparentemente jornalísticos –, o que deixou mais clara a necessidade de preparação dos jornalistas em temas científicos e de saúde. Talvez esse seja um dos legados da pandemia para a imprensa.



Liberdade de expressão passa por uma imprensa ativa e presente.

1° DE JUNHO DIA DA IMPRENSA

O nosso imenso agradecimento aos profissionais e aos veículos que trabalham incansavelmente para reportar os fatos e ajudar a construir uma sociedade livre e democrática.

Obrigada!

B3, a bolsa do Brasil



vivox











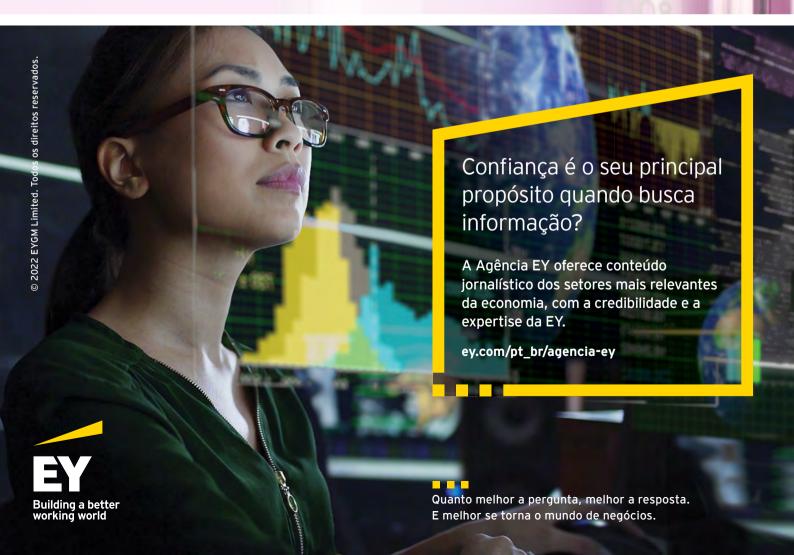
espaço nas mídias digitais

É inescapável debater o espaço do jornalismo e da divulgação científica nas mídias digitais, que há um bom tempo predominam no universo da comunicação, com bons e maus efeitos no universo da comunicação, segundo os analistas do fenômeno.

"Ocupam cada vez mais espaço"

Wilson da Costa Bueno, professor sênior do Departamento de Jornalismo e Editoração da ECA/USP e diretor da Comtexto Comunicação

As mídias digitais têm ocupado, cada vez mais, espaço na divulgação de informações de CT&I, especialmente se atentarmos para a circulação de informações nessas áreas pelas mídias sociais. Elas certamente também têm contribuído para o incremento do negacionismo, das fake news protagonizadas por aqueles que as produzem voluntariamente ou as compartilham sem qualquer espírito crítico ou compromisso com a apuração das informações. É preciso chamar a atenção também para a ação de lobbies, de interesses escusos, que constrangem a produção e a divulgação científicas em favor de interesses políticos, ideológicos e empresariais. Este fato tem propiciado a emergência de versões que não se apoiam nas evidências, como as que deram espaço à "eficácia da cloroquina e da ivermectina para o tratamento da Covid-19", à visão criacionista em oposição à teoria da evolução e mesmo ao terraplanismo, dentre outras perspectivas sem qualquer fundamento. Agrega-se a este movimento a interferência de fontes e perspectivas religiosas que optam por fazer leituras equivocadas do processo científico e das suas descobertas.







Jornalistas & Cia Edição 1.361

SAMSUNG







"A exclusão de mentiras ainda é pequena"

Renato Janine Ribeiro, presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC)

As mídias sociais têm um problema sério pelo uso dos algoritmos que favorecem o ódio. A exclusão de mentiras

ainda é muito pequena comparada com o que assisti no caso do Trump. Ele mentiu durante quatro anos à vontade e só quando faltavam duas semanas para terminar seu o mandato é que foram parar com elas nas redes sociais. Ainda hoje, as mídias tradicionais são mais confiáveis do que as' mídias sociais, embora estas tenham um aspecto interessante: você não precisa de dinheiro, de capital, de uma empresa para montar uma mídia social. Isso levou vários divulgadores científicos a se destacarem, assim como várias pessoas que têm um papel importante na defesa da democracia e dos valores éticos

"Todo artista tem de ir aonde o povo está"

Vanja Joice Bispo Santos, jornalista, Museu Paraense Emílio Goeldi

As mídias sociais são um espaço que não pode ser ignorado para circular conteúdos de ciência e criar relações diretas com seus públicos. Não são o único, mas são um lugar para o exercício da linguagem jornalística. E apresentam novas possibilidades. Quando penso nas mídias sociais, sempre lembro de Milton Nascimento:

Com a roupa encharcada e a alma Repleta de chão Todo artista tem de ir aonde o povo está Se foi assim, assim será Cantando me desfaço, não me canso De viver nem de cantar

Há público para conteúdos jornalísticos sobre ciência nas mídias sociais, mas o sucesso, como em qualquer espaço, depende de conhecer as regras do jogo e descobrir o que é essencial para divulgar. Nesse ponto, faz toda a diferença juntar um jornalista experiente em uma equipe multidisciplinar de comunicadores e gerações diferentes.

Creio que o bacana do jornalismo, e da comunicação social, é que há muitas possibilidades para explorar, pois ele é múltiplo".













1º de junho, Dia da Imprensa

Assim como o saneamento, o acesso à informação também proporciona vidas mais dignas. Nosso reconhecimento aos profissionais que, com muita responsabilidade e seriedade, informam e garantem uma sociedade democrática. Vocês impulsionam a vida!



Nossa natureza movimenta a vida





GO GERDAU







O que é preciso para ser um bom jornalista científico

"Jornalistas preparados, uma comunidade científica aberta e recursos"

Mariluce Moura, jornalista, presidente do Instituto Ciência na Rua, ex-diretora da Revista Pesquisa Fapesp

A cobertura de todos os assuntos na imprensa exige preparo dos profissionais. No caso do jornalismo científico, é preciso estar atento às suas especificidades e complexidades, dizem os jornalistas que trabalham na área. Citam alto grau de especialização e qualificação, curiosidade científica, conhecimento de política científica, do processo de produção da CT&I e o entendimento de que a ciência também é falível e tem limites, além de algum tipo de treinamento profissional. Vejo três condições absolutamente indispensáveis para isso: jornalistas bastante preparados; uma comunidade científica aberta, capaz de entender a importância e o papel próprio do jornalismo na difusão social da ciência; e recursos – financeiros e de infraestrutura, o que inclui meios e veículos de comunicação potentes.

Em relação aos jornalistas, assim como para fazer um bom jornalismo econômico, político ou cultural, é preciso que o profissional conheça a dinâmica e tenha uma visão crítica do campo a que está voltado; no jornalismo de ciência dá-se o mesmo. É necessário ter noções claras sobre o método científico e a hoje vasta e sofisticada infraestrutura de produção do conhecimento, além de entender por que não há verdades definitivas em ciência. É preciso ter noção das formas pelas quais a comunidade científica se organiza, o sentido dos grupos e das instituições de pesquisa, perceber a importância que tem para essa comunidade (e para a sociedade) a publicação de artigos científicos em periódicos científicos, com resultados de pesquisa revistos por pares. É preciso acompanhar os lances básicos da política científica dentro e fora do País e ter algum conhecimento de história da ciência, em especial dos percursos que conformam a chamada "tecnociência contemporânea". E, claro, aprofundar-se um tanto mais na área que pretende cobrir com mais fôlego, seja evolução, genômica, química de produtos naturais, mudanças climáticas, astrofísica, neurociência etc, etc. Finalmente, é preciso que saiba ler os artigos científicos, porque eles serão material básico para o seu trabalho.



A imprensa é fundamental para a sociedade contemporânea e único caminho para o combate à disseminação das fake news.

Hoje é dia da imprensa e a **MSL** homenageia todos os profissionais que fazem parte desse universo.



vivox











"A matéria-prima essencial é o jornalista científico de qualidade"

Herton Escobar, repórter especial do Jornal da USP

A matéria-prima essencial do jornalismo científico de qualidade é o jornalista científico de qualidade, devidamente qualificado para lidar com a complexidade técnica que é inerente à cobertura da ciência. Claro que isso vale para

qualquer outra área do jornalismo e qualquer outra atividade profissional: a qualidade do servico ou do produto oferecido depende essencialmente da qualidade do profissional responsável por produzi-lo. Dentro de todas as temáticas abordadas pelo jornalismo, porém, acredito que a ciência seja uma das mais complexas de todas e, consequentemente, uma das que exigem o mais alto grau de especialização e qualificação por parte dos jornalistas. Digo isso em função da complexidade técnica inerente à ciência, da enorme variedade de temas que a ciência abrange e do dinamismo com que ela evolui. O bom jornalista científico precisa estar preparado para lidar no dia a dia com temas tão variados quanto genética, nanotecnologia, física de partículas, inteligência artificial, astronomia etc; e isso exige muito estudo, muita leitura ao longo de toda a vida, pois todos esses campos evoluem de forma extremamente dinâmica. O bom jornalista científico, portanto, nunca pode se dar ao luxo de parar de estudar. O conhecimento científico não é algo intuitivo, não é algo que pode ser improvisado pelo repórter no meio de uma entrevista. Do ponto de vista individual, portanto, pode-se dizer que o bom jornalismo científico exige qualificação extrema e constante por parte do jornalista. Do ponto de vista institucional/empresarial, uma boa cobertura científica exige que o veículo de comunicação tenha bons jornalistas de ciência em seus quadros - não é viável imaginar que a cobertura de ciência possa ser delegada aleatoriamente a qualquer repórter, sem a qualificação adequada, de acordo com a demanda.

"É necessário formação, competência, curiosidade científica...

Graça Caldas, jornalista e pesquisadora do Labjor/IEL da Universidade de Campinas

Em primeiríssimo lugar, é necessário formação, competência, curiosidade científica, conhecimento de política científica, do processo de produção da CT&I e sobretudo o entendimento de que a ciência também é falível e tem limites. Entender os mecanismos que possibilitam a construção do conhecimento, a importância das evidências científicas. Cultura geral, visão histórica, leitura diária de diferentes áreas do conhecimento, não apenas da área científica. Isso porque tudo o que acontece no mundo da ciência está relacionado, de alguma forma, a política, economia, cultura etc. O exercício da cobertura de jornalismo científico pressupõe – como todo o jornalismo, aliás – lidar com a informação de maneira crítica e analítica, numa perspectiva cética, ligando sempre o desconfiômetro para estabelecer conexões entre a pesquisa e a sociedade. Para isso, se possível, além da graduação, creio ser necessário uma especialização lato sensu para melhor administrar as controvérsias tão presentes na área científica. Se fizer uma pós-graduação stricto sensu, mestrado e doutorado, também ajuda muito para entender os procedimentos, a lógica,

LLYC

MAIS DO QUE PARABÉNS, OBRIGADO AOS PROFISSIONAIS DE IMPRENSA QUE NOS DÃO ACESSO A INFORMAÇÕES VERIFICADAS E CONFIÁVEIS.

Na LLYC, investimos em inteligência de dados para entregar o melhor a vocês.







Jornalistas & Cia Edição 1.361 página 18









os métodos de construção do conhecimento. Se isso não for possível, procurar ler livros que discutem o método científico, conversar com cientistas, visitar laboratórios, entre outras possibilidades. Importante lembrar que, no caso das Humanidades, o laboratório são a biblioteca e a sociedade em geral. Neste sentido, é fundamental a leitura diária de jornais, revistas, noticiário em geral, em diferentes veículos e plataformas.

"Algum tipo de treinamento profissional"

Luiza Caires, editora de Ciências do Jornal da USP

O jornalismo científico exige, primeiro, algum tipo de treinamento do profissional que o pratica. Isso pode se dar de uma maneira formal, com disciplinas de graduação e pósgraduação, ou mesmo cursos de especialização; ou de um modo informal, em uma redação, trabalhando com colegas e editores experientes na área, onde possa produzir seus trabalhos de reportagem, com dicas e orientações, até conseguir trabalhar com mais independência em temas de ciência.

Também exige valorização das pautas científicas por parte do veículo jornalístico. Tendo pouco espaço e atenção, sem uma editoria dedicada ou, no mínimo, editores que as considerem como prioridade, apenas notícias grandiosas e muito inusitadas terão vez, o que pode prejudicar inclusive a percepção pública da ciência como algo que funciona por pulsos e grandes descobertas, e não como um trabalho contínuo, de longo prazo, e passos menores – mas importantes – que se somam até a chegada.

"Os mesmos princípios éticos e técnicos"

Bruno de Pierro, especialista em Comunicação do Hospital Israelita Albert Einstein de São Paulo

O jornalismo de ciência baseia-se nos mesmos princípios éticos e técnicos que regem quaisquer outras especialidades do jornalismo, tais como investigar acontecimentos, checar dados, mediar fatos para a interpretação e buscar contextualizações esclarecedoras. Tudo isso faz parte dos cânones da profissão. Evidentemente que a cobertura jornalística da ciência e da tecnologia guarda especificidades. Uma prerrogativa fundamental é entender que os mecanismos de produção do conhecimento científico variam de acordo com as áreas. Critérios e métodos de pesquisa empregados nas ciências médicas não são exatamente os mesmos nas ciências humanas, da mesma forma que o padrão de publicação dos resultados muda de um campo do conhecimento para outro. Saber disso é importante, porque leva à percepção de que, na verdade, existem várias ciências, cada qual constituindo um *ethos* particular.

A Intel trabalha para construir o futuro através da inovação e com o apoio do jornalismo científico consegue mostrar como a tecnologia pode melhorar a vida das pessoas. Parabéns a esses e demais profissionais que fazem parte da imprens por essa data que marca a liberdade e o compromisso com a verdade.

Feliz Dia da Imprensa!

intel.





G GERDAU







"Formação continuada que se prolongue vida

Eugenio Bucci, superintendente de Comunicação Social da USP e professor na ECA-USP

Para que um país tenha bons veículos e bons profissionais dedicados ao jornalismo

sobre ciência são imprescindíveis a formação continuada de jornalistas (em cursos que não se limitem à graduação, mas se prolonguem pela vida afora, em formatos diferentes, em pós-graduação e em cursos de rápida duração) e uma cultura nas redações que valorize esse ramo (ou esse gênero), além de uma convivência regular entre repórteres, editores, cientistas e pesquisadores.

Durante a pandemia, todas as redações e praticamente todas as pautas tiveram de se converter em uma editoria de ciência, pois o tema da verdade factual na pesquisa tornouse um denominador comum do debate público, tendo alcancado inclusive a cobertura de política, a cobertura de internacional e a de economia.

Foi, claro, uma temporada excepcional, que ainda não se encerrou. De forma geral, podemos dizer que o período da pandemia trouxe uma consciência maior da importância da ciência como base racional para a tomada de decisões de interesse público. Isso favoreceu a valorização do jornalismo científico.

A expressão "divulgação científica" talvez não seja a melhor para nomear o jornalismo sobre ciência. A "divulgação" supõe uma cobertura menos crítica, preocupada apenas com o didatismo da linguagem. Já o termo "jornalismo" impõe a necessidade de um olhar crítico e independente sobre os fatos da ciência, o que está mais adequado ao espírito geral da

Creio que é possível, sim, que surjam bons jornalistas dedicados à cobertura da pesquisa científica. Temos hoje, aliás, grandes nomes nessa matéria. Marcelo Leite e Álvaro Pereira Júnior são dois nomes.





No Dia da Imprensa, vale lembrar o valor da informação de qualidade para a saúde.



Pfizer: há 70 anos trabalhando por grandes avancos que mudam as vidas dos brasileiros









A visão de um instituto que investe em projetos de divulgação de ciência

Fundado em 2017, o Instituto Serrapilheira já apoiou guase 200 projetos de ciência e divulgação científica, somando

mais de R\$ 5 milhões em investimentos – tornando-se um importante incentivador da área no Brasil. O Instituto aposta na construção de uma ciência baseada no risco, na originalidade e na diversidade, colaborando para a inserção da ciência no debate político e para efetivamente torná-la um projeto de Estado, e não de governo. Perguntamos ao Instituto qual a visão do Serrapilheira sobre o jornalismo científico no Brasil, atualmente.



Maior demanda por informações

Natasha Felizi, diretora de Divulgação Científica do Instituto Serrapilheira

O jornalismo científico é uma ferramenta poderosa para aumentar a qualidade do debate público sobre ciência e combater a desinformação por meio da informação verificada e baseada em evidências. Alguns estudos recentes indicam que, na verdade, a sociedade brasileira tem, sim, interesse por ciência. Uma pesquisa do CGEE, de 2019, revelou que os brasileiros consideram os cientistas tão confiáveis quanto médicos como fonte

de informação, e que respeitam e valorizam a ciência, mas têm pouco acesso a espaços culturais e baixo consumo de informações sobre ciência e tecnologia. Além disso, a confiança dos brasileiros na ciência cresceu durante a pandemia. Outra pesquisa de 2019, do INCT-CPCT, mostrou que, apesar do interesse dos jovens pela ciência, a major parte não sabe citar o nome de um cientista brasileiro ou de uma instituição de pesquisa brasileira. Esses resultados indicam uma demanda por maior circulação de informações, análises e histórias sobre ciência no País, pois, embora a sociedade entenda a importância da ciência e se interesse por ela, recebe pouca educação sobre isso ao longo da vida e sabe pouco sobre o tema. Mas o jornalismo científico e toda a circulação de informações baseadas em evidências estão inseridos nos mesmos ecossistemas onde circulam campanhas massivas de desinformação. A assimetria entre os modos de produção de informações baseadas em evidências e conteúdos que propagam a desinformação, somada ao fato de uma população com pouco acesso à educação científica e midiática, dificulta a circulação e a popularidade do jornalismo científico.

Apurar, relatar e viver os fatos é tão essencial quanto entender o porquê eles acontecem. Parabéns à todos os profissionais de imprensa do país.

















Jornalistas & Cia Edição 1.361 página 21

SAMSUNG







O sombreamento entre jornalismo e divulgação científicos

"São atividades distintas, com funções distintas"

Herton Escobar, repórter especial do Jornal da USP

Divulgação e jornalismo científico são muitas vezes citados como atividades sinônimas; e de fato há um sombreamento grande entre elas, mas é importante destacar que são atividades distintas, com funções distintas.

Uma diferença essencial é que o jornalismo trabalha apenas com informações inéditas. Ele tem a função de noticiar algo que acabou de acontecer, mesclando fatos, análises e opiniões de especialistas sobre aquele determinado acontecimento – por exemplo, o anúncio de uma descoberta, o lançamento de algum projeto ou a publicação de uma nova lei de política científica. Uma vez publicada a notícia, ela deixa de ser notícia. O jornalismo tem a função de informar a sociedade, não de educá-la, nem mesmo de fomentar o fascínio pela ciência – além da educação que é necessária para o próprio entendimento da notícia e do fascínio intrínseco gerado pela própria ciência que está sendo noticiada.

A divulgação científica, por sua vez, é algo mais amplo; um termo guarda-chuva que se aplica a qualquer comunicação de informações científicas – sejam elas inéditas ou não. Por exemplo: o jornalismo só vai falar sobre a possibilidade de haver vida fora da Terra quando houver alguma nova evidência ou pesquisa publicada sobre isso, enquanto a divulgação científica pode tratar desse tema a hora que quiser, da maneira que quiser, com a abordagem que quiser e quantas vezes quiser. Ela exerce uma função não apenas informativa, mas também educativa e de enaltecimento da ciência.

Em muitos aspectos, a divulgação científica é complementar ao jornalismo e também se alimenta dele como uma fonte de informações primárias. São atividades complementares, que coexistem numa relação mutualística, em que a ciência e a sociedade são as principais beneficiárias.

A tendência e uma crítica à cobertura de ciências na grande imprensa

A cobertura de ciência cresceu enormemente durante a pandemia, ocupando um espaço que não tinha antes. Vencida a pandemia, deverá o espaço para a cobertura de ciência voltar ao mínimo, como era anteriormente? Fizemos essa pergunta a dois jornais que dirigem editorias que cobrem o tema na grande imprensa brasileira.

"A cobertura atingiu um nível maior de maturidade"

Victor Vieira de Andrade, editor de Metrópole no jornal O Estado de S. Paulo

Espero que não. Na pandemia, foi possível perceber que a cobertura de ciência atingiu um nível maior de maturidade por parte de quem produz o conteúdo e das fontes. Também avançou o nível de entendimento sobre a discussão, por parte do público, das fontes acadêmicas e até dos colegas jornalistas. Isso fez com que essa pauta ganhasse espaço no noticiário, justamente pela sua conexão com a realidade e sua capacidade de mudar nossas vidas.











GERDAU







O desafio durante a crise da Covid-19 foi mostrar aos leitores a relevância e a complexidade dos processos científicos. Traduzir avanços, insucessos e limitações das pesquisas sobre protocolos de prevenção, remédios e vacinas revelou-se uma missão que exigiu rigor de apuração, escolha correta da linguagem, compreensão sobre as demandas do público e interlocução qualificada com as

Contar de forma inadequada os resultados de um ensaio clínico da vacina, por exemplo, poderia minar a confiança da população ou lhe dar falsas expectativas. Jornalistas não envolvidos na cobertura e leitores perceberam ainda como a cobertura de ciência tem caráter interdisciplinar: envolve consequências práticas na saúde e na rotina das pessoas, é capaz de antever cenários ou apontar caminhos, indica riscos e prioridades no setor econômico. Além da pandemia, o noticiário sobre mudanças climáticas favorece a valorização da cobertura científica, uma vez que o aquecimento global pode ter efeitos negativos – e cada vez mais visíveis – nos campos da saúde, da economia, da biodiversidade, das desigualdades sociais, dentre outros.

Outro desafio é não compartimentar a busca pela informação. A capacidade da ciência de fornecer evidências, desmistificar questões e oferecer alternativas é útil não apenas para as reportagens da editoria de Ciência, mas para todas as outras, como forma de apresentar diagnósticos mais precisos e debates propositivos.



"A cobertura deve ser mais robusta mesmo pós-Covid"

Giuliana de Toledo, editora adjunta de Ambiente, Ciência e Saúde na Folha de S. Paulo

Não. O contato sem precedentes dos leitores com temas de ciência, provocado pela pandemia, esperamos, deve se refletir em um interesse maior pelo tema mesmo quando a crise sanitária passar. Assim, a cobertura deve ser mais robusta mesmo no cenário pós-Covid. Além disso, com o movimento anticiência em certos setores da sociedade, é preciso manter uma cobertura que faça frente à desinformação, em especial quanto a vacinas e mudanças climáticas.

Outra razão para acreditar que a cobertura de ciência não voltará ao patamar anterior é o próprio engajamento da Redação nesses temas. Na pandemia, as fronteiras ficaram muito borradas e um número maior de repórteres e editores originalmente de outras áreas passou a se envolver nesses assuntos – e, por consequência, a circular com maior facilidade entre eles.

"Os jornais foram ficando mais finos, começaram a perder espaço"

Renato Janine Ribeiro, presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC)

O espaço que a mídia dá para jornalismo cientifico é baixo. É verdade que, de alguns anos para cá, 20 anos, começamos a ter jornalistas especializados em ciências com uma frequência maior. Não apenas **José Reis**, foi um grande nome, virou nome de prêmio, foi presidente da SBPC, tudo o mais, mas vários outros nomes se destacaram, muito qualificados, que não vou mencionar para evitar a indelicadeza de esquecer algum. Começamos a ter vários jornalistas científicos, como começamos a ter jornalistas especializados na área de educação, mas as editorias, tanto de educação como de ciência, foram minguando. Isso está ligado provavelmente ao fato de que os jornais foram ficando mais finos, começaram a perder espaço. Hoje os jornais têm muito menos matérias do que antigamente e isso sacrifica também o jornalismo científico. É pena porque ele é vital, ainda mais num momento como o atual.



vivox











A importância de José Reis na cobertura de Ciência no Brasil

O papel e o pioneirismo dele são sempre lembrados por todos que analisam o tema; não à toa teve seu nome consagrado em prêmio do CNPq

"Ele achava que a ciência deveria ser exibida à sociedade"

Bruno de Pierro, especialista em Comunicação do Hospital Israelita Albert Einstein de São Paulo

O médico José Reis (1907-2002), cuja atuação na divulgação científica foi proeminente no jornal Folha de S.Paulo até o fim da vida, tinha um olhar sensível para a pesquisa científica. Ele via a ciência como algo bonito, "profundamente estética", e que, por essas e outras, deveria ser exibida à sociedade. Reis era de uma geração de intelectuais da primeira metade do século XX que ainda cultivavam traços de uma polimatia, dando vazão a seus múltiplos interesses. É daquelas pessoas difíceis de enquadrar numa só profissão. Ele conseguia aliar ciência, literatura, arte, política e isso moldou uma carreira multifacetada, permitindo a Reis atuar ativamente não só na divulgação da ciência, mas na política científica.

Vale dizer que seus textos de divulgação são primorosos, o que denota a preocupação que tinha com a qualidade literária e técnica do que escrevia. Além disso, Reis tinha uma verve quase de cronista, usando fatos do cotidiano para explicar tópicos da ciência. Não que hoje não se faça mais esse tipo de divulgação, mas se faz de maneiras diferentes. Atualmente, a divulgação científica tornou-se menos uma questão de "dom para a coisa" do que uma necessidade formal, diante da pressão para que instituições científicas sejam mais transparentes e prestem contas de como o dinheiro público direcionado à pesquisa básica e aplicada vem sendo gasto.

"Ajudou a popularizar a divulgação científica"

Graça Caldas, jornalista e pesquisadora do Labjor/IEL da Universidade de Campinas

Cada tempo tem um iornalista ou melhor, vários iornalistas científicos de qualidade, Alguns mais especializados em Saúde, Física, Biologia, Humanidades, Política Científica etc. José Reis, médico patologista e pesquisador, sem dúvida é um ícone do jornalismo científico não só porque ajudou a popularizar a divulgação científica, como também pela importância que teve no seu momento histórico, a partir da década de 1940 e como patrono do Prêmio José Reis de Jornalismo Científico do CNPq. Como ele, no Brasil, tivemos Manuel Calvo Hernando na Espanha. Nessa época era muito comum cientistas divulgadores. Já os jornalistas científicos profissionais e autodidatas são mais frequentes, no Brasil, a partir da década de 1970, quando os veículos criam editorias específicas da área, que se ampliam e se reduzem o tempo todo. Hoje, com a oferta de disciplinas em Jornalismo Científico nos cursos de graduação em Jornalismo, os cursos de especialização lato sensu e stricto sensu, a formação dos profissionais que atuam na área melhorou muito. Acho importante destacar isso. Sim, ele, José Reis, é a expressão de um determinado momento e o Brasil deve muito a ele. Entretanto, podemos dizer que, hoje, são muitos os jornalistas científicos de qualidade.



1º de junho - Dia da Imprensa

Sua busca pela verdade é como a nossa pela saúde: não tem pausa. Parabéns por levar informação de qualidade a todos que precisam!







Jornalistas & Cia Edição 1.361 página 24

SAMSUNG







"Pautas de ciência ou balaio de gatos?"

A ara. Natalia Pasternak, diretora do Instituto Questão de Ciência, ganhou uma enorme visibilidade em todas as mídias a partir do surgimento da pandemia da Covid-19. Segue a opinião dela sobre como poderá ser a cobertura de ciência

pós-pandemia, enviada dos EUA, onde trabalha no momento.

"É preciso lembrar como era a cobertura de ciência antes"

Natalia Pasternak, doutora em Ciências Biológicas (Microbiologia) pela Universidade de São Paulo, diretora do Instituto Questão de Ciência

Primeiro é preciso lembrar como era o jornalismo de ciência antes da pandemia, porque houve uma extinção das redações de ciência, isso muito antes da pandemia. Os grandes veículos ou fecharam suas editorias, ou fundiram com saúde e bem-estar, transformando as pautas de ciência em um balaio de gatos, onde na mesma página encontram-se reportagens sobre aquecimento global e a influência dos astros na saúde. Nesse sentido, a pandemia pode ter sido o gatilho para a reconstrução desse tipo de jornalismo, mas acho ingênuo acreditar que um tipo de jornalismo que sempre foi de nicho possa ganhar tanto espaço fora de um momento de emergência sanitária. A demanda por notícias de ciência pode até ter aumentado, mas ela tende a ser preenchida por notícias sobre o estudo da USP que mostra que pipoca causa Alzheimer e não por divulgação de ciência de qualidade.



A experiência de quem escreve para o exterior

Meghie Rodrigues, correspondente freelance na área de ciência

A jornalista Meghie Rodrigues concorda com a informação de que, nos Estados Unidos, "o apoio da população aos investimentos em pesquisa científica e tecnológica é creditado à qualidade do jornalismo sobre o tema lá praticado", que veiculamos no começo desta reportagem.

Dedicada ao jornalismo científico, depois de trabalhar em publicações e organismos brasileiros, cobre, como *freelance*, ciência e tecnologia no Brasil e na América Latina para audiências internacionais, especialmente dos EUA.

Em função da pandemia, refugiou-se na cidade de São João, perto da nacionalmente conhecida Pato Branco, no Paraná, Graças às facilidades de comunicação proporcionadas pela internet, mantém contato constante com publicações internacionais e manda reportagens para veículos como as norte-americanas Nature e Scientific American, entre outras.

"É muito difícil comparar a cobertura de ciência no Brasil e nos EUA", diz ela. "Lá há mais veículos e mais dinheiro no setor", comenta. Mas não só. "Os veículos, inclusive o New York Times e o Washington Post, comportam-se como 'watch dogs', vigilantes, relatam a verdade para o poder", inclusive na área de ciência.

Para ela, infelizmente a área não é valorizada no Brasil, apesar de a cobertura de meio ambiente estar crescendo. "É preciso ter recursos por trás, dar espaço aos profissionais competentes, especializados, que apesar das dificuldades, estão aumentando".





MediaTalks



Assassinato de Tim Lopes completa 20 anos nesta guinta-feira (2/6)

■ Em 2 de junho de 2002, o repórter investigativo da Globo **Tim Lopes** foi seguestrado, torturado



e executado por traficantes no Complexo do Alemão, no Rio de Janeiro, enquanto fazia uma reportagem local. Nesta guinta--feira (2/6), o caso completa 20 anos. Diversos eventos serão realizados por organizações defensoras do jornalismo em nome da memória e legado de Tim Lopes.

Às 10h, será realizada uma cerimônia religiosa em homenagem ao jornalista, no Santuário Cristo

Redentor, situado na estrada para o Corcovado. A liturgia será lida pelo padre Omar, reitor do templo, e celebrada em conjunto com frei Davi.

► Mais tarde, às 16h, ocorrerá um ato pela memória de Tim no auditório da Associação Brasileira de Imprensa (ABI), no Rio de Janeiro (rua Araújo Porto Alegre, 71 – 9º andar), com participação de entidades como Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj),

Sindicato dos Jornalistas do Rio de Janeiro e a Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo

► Ainda nesse 2 de junho, o quadro Conteúdo sem fronteiras, que faz parte do podcast Jornalismo sem trégua, do Programa Tim Lopes da Abraji, divulgará um episódio especial sobre o legado dele, com participação de Bruno Quintella, filho do jornalista, e Alexandre Medeiros. (Leia+)

Andréia Sadi estreia no Estúdio i em 6 de junho

■ A GloboNews informou que Andréia Sadi estreará no comando do Estúdio i na próxima segunda-feira (6/6), com novo cenário, mais tecnológico, incluindo recursos que permitem maior integração entre comentaristas e estúdios de outras regiões. O programa vai ao ar de

segunda a sexta-feira, das 14 às 16 horas.

► Outra novidade será a presença de celular no cenário, permitindo mais interação com o público, e um monitor de 80 polegadas, com touch screen, que mostrará comentários e posts de internautas sobre os assuntos do dia discutidos

ao longo do programa. Sadi substituirá a Maria Beltrão, que está à frente do programa desde que estreou, em 2008, e que agora parte para um novo desafio, no comando do **É de Casa**, nas manhãs de sábado da Globo, marcando sua migração para a área de entretenimento da emissora.



Especial MediaTalks DEI – Diversidade, Equidade e Inclusão na mídia global já está em circulação

- O jornalismo está incorporando Diversidade, Equidade e Inclusão (DEI) em suas práticas na mesma velocidade cobrada das empresas e organizações públicas? Por que inclusão importa não apenas para jornalistas, mas também - ou principalmente para quem consome notícias? Qual a situação da diversidade na mídia e as soluções para aumentar inclusão e alcançar equidade?
- Esses são alguns dos temas abordados na edição especial do MediaTalks <u>que já está em circu-</u> lação. O relatório foi produzido a partir de Londres, por Luciana Gurgel e Aldo De Luca, com a participação de experientes e reconhecidas correspondentes brasileiras em cinco países.
- ▶ Da Argentina, Márcia Carmo fala sobre como o movimento Ni Una Menos impactou a diversida-

- de de gênero na mídia do país. Da França, Deborah Berlinck relata o "susto" que a grande imprensa tomou com os protestos dos subúrbios em 2005 - e o que mudou desde então. Da Itália. Fernanda Massarotto mostra como o país amigável com imigrantes também os aceita melhor do que outros nas redações.
- ▶ De pontos opostos do planeta, Catarina Freire (Canadá) e Liz Lacerda (Austrália) contam como a imprensa local ainda não conseguiu incluir pessoas não brancas e os povos originários, segregados em canais próprios. E o que está sendo feito para reverter esse quadro.
- ► A edição traz também entrevistas com jornalistas como Sylvia Zappi (Le Monde), Belén Spinetta (Associação Civil para Comunicação pela Igualdade/Argenti-

na) e Leonard Berbieri (Corriere della Sera), e com especialistas em diversidade como Marita Caballo (socióloga argentina que presidiu a Associação Mundial

de Pesquisa de Opinião Pública), Madeleina Kay (diretora do projeto europeu Get The Trolls Out), Cristiane Fontes, autora de um estudo sobre representação de povos indígenas na mídia, e Luis Albornoz, professor de jornalismo da Universidade Carlos III de Madri, autor do capítulo de mídia do mais recente relatório da Unesco sobre diversidade na indústria cultural.

O relatório mostra que o problema da diversidade varia de acordo com o país e afeta vários grupos sociais e profissionais de mulheres cientistas relegadas



como fontes a jornalistas esportivas desrespeitadas em seu trabalho. A boa notícia é que em todas as nações há iniciativas que podem inspirar a busca por mais inclusão e equidade.

- ► Ao olhar a questão pelas lentes do mundo corporativo, Nelson Silveira, diretor de Estratégia de Comunicação da GM América do Sul, faz um alerta importante, válido para qualquer empresa, seja ela de mídia ou não: "Não basta só dizer: é preciso praticar o que se diz".
- ► Especial MediaTalks DEI tem o apoio de Vale, Philip Morris, AngloAmerican e Itaú.





GERDAU



SAMSUNG

Redes sociais fecham parceria com TSE, mas não deixam claro como irão banir desinformação

■ Reportagem de <u>Matheus Santino</u> (<u>matheus@apublica.org</u>), publicada em 26/5 pela Agência Pública, mostra como as principais plataformas sociais prometem divulgar conteúdo oficial sobre as eleições e identificar postagens de políticos, mas sem esclarecer se conteúdos falsos sobre processo de votação serão banidos

▶ O texto lembra que em 2018 informações nas redes sociais foram decisivas para uma parte do eleitorado brasileiro escolher em quem votar. Segundo pesquisa do Instituto DataSenado, cerca de 45% dos entrevistados decidiram seu voto considerando o que viram em alguma rede. De acordo com o levantamento, 79% usaram o WhatsApp como uma de suas

principais fontes de informação.

Agora, em 2022, acionados pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE), aplicativos de vídeo e mensagem esboçam estratégias para lidar com a desinformação nas suas plataformas. Contudo, segundo levantamento da Agência Pública, o plano apresentado ao tribunal consiste basicamente em criar canais oficiais com in-



formações sobre as eleições e identificar perfis e postagens de candidatos.

► Confira o texto na íntegra.

J&Cia Auto agora no Jornalistas&Cia

■ A partir desta semana, o Jornalistas&Cia Imprensa Automotiva passa a circular em formato de coluna encartada neste Jornalistas&Cia. Após 13 anos circulando às sextas-feiras, a newsletter ganhou novo formato com o objetivo de otimizar a produção de conteúdo, ampliar sua visibilidade e servir como um case comercial para a produção de conteúdos similares para outras editorias do jornalismo. A edição continuará sob a batuta de **Fernando Soares** (fernandosoares@ jornalistasecia.com.br), mas o fechamento editorial, que era às quintas-feiras, passou para terça-feira, às 18 horas. Confira a coluna na página 36.

TV Globo muda horário de dois programas e vários apresentadores

- A partir de 4/7, as manhãs da TV Globo passarão por uma troca de horários: o programa *Encontro* será exibido logo após o *Bom Dia Brasil*, seguido pelo *Mais Você*.
- ► Tudo começou com uma dança de cadeiras, quando **Tiago Leifert** deixou a emissora e



Fátima Bernardes, depois de dez anos no Encontro, foi escolhida para substituí-lo na apresentação do The Voice Brasil. Para o lugar de Fátima, vai Patrícia Poeta, que já cobria as ausências da titular, e terá ao lado Manoel Soares. Ana Maria Braga, que apresenta o Mais Você desde 1999, permanece no posto.

▶ Simultaneamente às trocas de lugares no elenco, vieram as pesquisas de opinião. Diz um comunicado da Globo: "Através dos estudos sobre o comportamento de quem nos assiste, entendemos que dois grandes temas despertam interesse neste momento: as notícias do dia e variedades. Avaliando a nossa grade, achamos que faz mais sentido que o *Encontro*, com o seu DNA de atualidades, dialogue e esteja mais próximo do horário

matinal, em uma transição mais fluida para o horário próximo do almoço, quando entra o *Mais Você* e todo o seu potencial de entretenimento bem consolidado."

► Amauri Soares, diretor-geral da Globo, disse em entrevista ao Meio&Mensagem que vê o Encontro como uma extensão do noticiário do dia: "Não é um programa de hard news, mas ele fala sobre atualidades. É o espaço que temos para tirar dúvidas sobre os assuntos do dia e, portanto, há fluidez ao colocá-lo após o Bom Dia Brasil". Passando depois para o Mais Você. faz-se uma transição para o entretenimento, com assuntos de variedades e destaque para culinária, perto da hora do almoço. Fluidez, uma palavra repetida pelo comunicado e pelo diretor, parece ser o que busca a

emissora com essas mudanças. ▶ Mas não para por aí. *Encontro* e *Mais Você* terão cerca de uma

e Mais Você terão cerca de uma hora de duração cada, menos do que atualmente. Com isso, os telejornais locais, como SP1 e RJ1, terão mais 15 minutos, entrando no ar às 11h45. Encontro passa a ser transmitido de São Paulo, visando sinergia com a equipe do Mais Você, já produzido em São Paulo. São programas diferentes, com uma estrutura de produção em comum.

▶ Outras alterações são aguardadas, ainda que, por enquanto, só tenha sido divulgada a movimentação dos apresentadores. Em abril, a Globo anunciou que o programa É de Casa, aos sábados, será com Maria Beltrão, ex-Estúdio i na GloboNews, Thiago Oliveira, Rita Batista e Talitha Morete.

Gianfranco Beting é o novo publisher da Revista Flap

■ A Revista Flap, publicação especializada em aviação que completa 60 anos em 2022, <u>anunciou</u> Gianfranco Beting como seu novo *publisher*. Publicitário, fotógrafo, escritor e consultor aeronáutico internacional, Panda, como é mais conhecido profissionalmente, é filho de **Joelmir**

Beting (1936-2012), irmão do também jornalista Mauro Beting e foi um dos cofundadores da Azul Linhas Aéreas.

► Segundo comunicado, ele chega com o objetivo de dar continuidade ao trabalho de **Carlos Spagat**, falecido em dezembro passado, que criou e dirigiu a publicação desde sua fundação, em 1962. Dentre seus desafios, estará a implantação de uma nova plataforma de conteúdo multimídia para a marca. De acordo com o novo *publisher*, a equipe de produção da revista será mantida e a publicação deverá ser financiada por um grupo de investidores.











SAMSUNG



Nova crise da BBC mostra como boas intenções em diversidade podem acabar no inferno

Não é fácil navegar nas sensibilidades que envolvem a DEI (diversidade, equidade e inclusão), tema do Especial MediaTalks lançado nesta guarta-feira (1º/6). Corporações que não fazem nada ou erram ao tentarem fazer alguma coisa são castigadas na imprensa e nas redes sociais.

De tempos em tempos, empresas jornalísticas trocam de posição e entram elas próprias na linha de tiro. É o que está acontecendo mais uma vez com a BBC.

A nova crise envolvendo a corporação enquadra-se na categoria "errar ao tentar acertar" no uso de linguagem inclusiva. Foi revelada por uma reportagem no jornal The Times, mas acabou se transformando numa crise ainda

Citando "senior journalists" da BBC – leia-se "jornalistas insatisfeitos com a situação que vazarem a história" –, o jornal publicou na terça-feira (31) a notícia de que a fala de um personagem entrevistado em uma matéria para o site em outubro de 2021 tinha sido alterada conforme o manual de

regras que determina os pronomes para pessoas trans.

A matéria era sobre mulheres que estariam sendo pressionadas a fazer sexo com mulheres trans, com base em pessoas que participaram de uma pesquisa do grupo



De Londres. Luciana Gurgel

Get The L Out, "cujos membros acreditam que os direitos das lésbicas estão sendo ignorados por grande parte do movimento LGBT atual", segundo a BBC.

A entrevistada era uma mulher relatando um suposto estupro praticado por uma pessoa trans. Ela tratou a pessoa como "he/ him" (ele), mas as fontes do The Times disseram que os editores do site foram obrigados pelo comitê de diversidade a mudar as "aspas" para "they/them (eles), após "debates acalorados".

O caso foi noticiado pelo ânqulo de interferência no noticiário por parte do grupo de diversi-

dade da corporação, formado por 14 integrantes, colocando em questão a imparcialidade do jornalismo.

Segundo o The Times, alguns iornalistas achavam que a citação deveria permanecer intacta para refletir o que disse a mulher entrevistada, enquanto outros disseram que deveria usar os pronomes preferidos por mulheres trans.

Foto da Getty Images que ilustra a matéria da BBC

As fontes da matéria do jornal (os tais "jornalistas seniores") arqumentaram que editar a fala foi um exemplo de como o quia de estilo da BBC conflita com o dever de precisão e imparcialidade.

Outra fonte, apresentada como "pessoa com conhecimento do assunto", disse ter considerado a situação chocante, por não conseguir imaginar outra situação em

> que as palavras de uma suposta vítima de estupro tenham sido alteradas.

> A BBC disse ser "rotina ter discussões editoriais sobre matérias", e que a decisão sobre a linguagem teria a finalidade de "tornar as coisas o mais

claras possível para o público".

Se essa era a intenção, não deu

certo. A matéria no site da BBC foi objeto de milhares de reclamações. E, comprovando a tese de que não há nada ruim que não possa ser piorado, a situação piorou, talvez por causa da revelação do The Times.

No dia seguinte à reportagem do jornal, a BBC divulgou um comunicado admitindo que a matéria inteira "não atendeu aos padrões de precisão da emissora" em três aspectos, e informou que a reportagem havia sido "atualizada", forma bem inglesa de dizer "corrigida".

O motivo principal para a admissão de culpa, no entanto, não foi a troca de pronomes, e sim outro fundamento do jornalismo. Segundo a própria BBC; a repórter baseou a matéria em uma pesquisa "não científica" do Get the L Out, que afirmou que 56% dos entrevistados "relataram

ter sido pressionados ou coagidos a aceitar uma mulher trans como parceira sexual"

"Mas a unidade de reclamações da BBC concluiu que um questionário de autosseleção não era uma base suficiente para a sustentar a matéria", disse o comunicado.

O que era uma matéria velha virou notícia nova, já que o caso repercutiu em vários jornais. E mostrou, mais uma vez, que DEI é coisa séria, exigindo cuidado e muita análise para que boas intenções não acabem no inferno.

O Especial MediaTalks Diversidade na Mídia pode ser lido aqui.

Inscreva-se em mediatalks@ jornalistasecia.com.br para receber as newsletters MediaTalks trazendo notícias, pesquisas e tendências globais em jornalismo e mídias sociais













SAMSUNG

Esta semana em MediaTalks

Oitavo morto - O número de mortes de jornalistas que realizam a cobertura da guerra na Ucrânia continua aumentando apesar dos apelos de entidades e organizações de direitos humanos para a proteção dos profissionais da mídia que documentam o conflito. O jornalista francês Frédéric Leclerc-Imhoff, de 32 anos. da emissora BFMTV, morreu na segunda-feira (30/5) ao ser atingido por estilhaços após um ataque russo a um veículo de resgate na Ucrânia, tornando-se o oitavo profissional de imprensa a perder a vida na guerra. A contagem oficial das entidades de defesa da liberdade de imprensa não inclui o caso de Oleksandr Makhov, que apesar de ser jornalista, havia deixado a atividade para combater na guerra e morreu no dia 4 de maio. Da Redação ao front - Oleksandr Makhov, jornalista que ficou famoso por reportagens sobre os militares para a televisão da Ucrânia, anunciou uma drástica mudanca de carreira no Facebook em 24 de fevereiro, o primeiro dia da invasão russa ao país: "Vou para a guerra", escreveu

na legenda de uma foto vestido como soldado. "É hora de uma guerra de libertação! Vou lutar e matar o máximo que puder. Eu sirvo ao povo ucraniano", continuava a publicação do então jornalista. No dia 4 de maio, a DOM TV, canal para o qual Makhov trabalhava até pouco antes do conflito, comunicou sua morte durante um bombardeio em Izyum, na região de Kharkiv, na Ucrânia.

Pressões por investigação – Mais de 30 grupos de direitos humanos e defensores da liberdade de imprensa uniram-se para exigir que o governo de Israel investigue a morte da jornalista Shireen Abu Akleh, da TV Al Jazeera, ocorrida na Cisjordânia em 11 de maio. Na



semana passada, o Exército israelense declarou que não planeia investigar as circunstâncias do tiroteio entre as tropas do país e atiradores palestinos na cidade de Jenin, onde Abu Akleh e outros profissionais da mídia cobriam o ataque. Familiares da repórter palestina, que também tinha cidadania americana, contataram outras três organizações de jornalistas para que uma nova queixa seja apresentada ao Tribunal Penal Internacional (TPI), conhecido como Tribunal de Haia, para que o assassinato seja investigado.

Sundance – O instituto do *Festival* de Sundance, uma das premiações mais importantes do cinema internacional, está com inscrições abertas para uma nova rodada de seu programa de bolsas para documentários, com subsídio de até US\$ 1 milhão (R\$ 4,8 milhões). O objetivo da iniciativa é viabilizar filmes de não-ficção que promovam o diálogo sobre questões culturais e abram novos caminhos em criatividade e inovação, realizados por documentaristas e cineastas independentes e emergentes de várias regiões do mundo, incluindo a América Latina. As inscrições, gratuitas, podem ser feitas até 6 de junho. Elizabeth II – Depois de semanas de incerteza sobre a saúde da rainha Elizabeth II e sua disposição para encarar os eventos comemorativos do Jubileu de Platina no trono, a monarca de 96 anos voltou a aparecer em público e liberou uma série de vídeos caseiros inéditos para um documentário produzido pela BBC que foi exibido pela primeira vez no domingo (29/5), abrindo oficialmente a programação televisiva em torno da data. As cenas, que abrangem sua vida desde 1926, ainda bebê em um carrinho de empurrado por sua mãe, até a coroação, em 1953 aos 27 anos, foram reunidas no programa The Unseen Queen, exibido apenas no Reino Unido. O documentário foi feito com imagens selecionadas em mais de 400 horas de vídeos caseiros, mostrando a rainha com a irmã, Margareth, com o rei George VI, com a rainha-mãe Elizabeth I e com outros membros da família real. Quem narra é a própria Elizabeth II.



Internacional

■ Karol Amorim, que está na Kinross desde janeiro de 2017, por último como agente de transformação no enfrentamento à

Covid-19, foi transferida em abril para a Kinross Alaska, onde atua como especialista em relações comunitárias.

Rio de Janeiro

Julia Alves funda a agência Nodo

■ Julia Alves decidiu empreender e vai comandar sua própria agência de comunicação, a Nodo. E o faz após quase duas décadas em empresas como Alfaparf, Beleza Natural, L'Oréal e Grupo Technos. Júlia especializou-se no mercado de cosméticos e bens de consumo, participando de diversas áreas, como comunicação, desenvolvimento de produtos, estratégia de mercado, organização de eventos e gestão de pessoas. Na nova agência, vai oferecer desenvolvimento de plano de comunicação, trade marketing, gestão de redes sociais, organização empresarial, KPIs e mais. Os contatos dela são julia@mktnodo.com e 21-98320-8811.





Jornalistas & Cia Edição 1.361

SAMSUNG

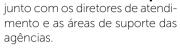


Olívia Sá comeca no Nexcom Grupo

q Olívia Franco de Sá comecou como head de customer experience para o Nexcom Grupo. integrado pelas agências Fato Relevante e PUB, que têm sedes em São Paulo. Ela, que foi por 13 anos da FSB, terá a responsabilidade de coordenar esse trabalho

Olívia Franco de Sá

Maíra Araúio



E mais...

■ Olga de Mello produz conteúdo para o site da Firjan, junto com Andrea Shad, sob coordenação de Sílvia Noronha, todas as três a servico da Insight.

■ Ronaldo Soares, head de PR, deixou a Oi, em que estava há quase 11 anos e meio. Antes de migrar para a comunicação corporativa, atuou na grande imprensa, em veículos como

Veia, O Dia, Rede Globo e Folha de S.Paulo.

■ Tiago Araújo, consultor de comunicação, deixou a In Press Porter Novelli, onde esteve por quase nove anos, até abril, e partiu para o mundo corporativo. Foi contratado pela Ipiranga, no cargo de analista sênior.









Maíra Araújo assume a Comunicação da J&J MedTech

■ Maíra Araújo, ex-CDI e JeffreyGroup, deixou a Lefosse Advogados, onde era gerente de comunicação e estava há um ano, e assumiu em maio a Gerência de Comunicação Corporativa Latam na Johnson & Johnson MedTech.

E mais...

- Alexandre Beni começou em fevereiro como gerente de comunicação na Fato Relevante, para o núcleo de Finanças da agência. Assessor de imprensa sênior na B3 por quase 15 anos e meio, ocasião em que atuou ao lado de Alcides Ferreira, sócio da FR, Beni esteve, por último, por
- tada, que esteve por pouco mais

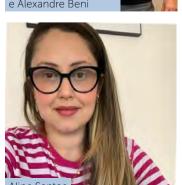
de um ano como consultora sênior na Ideal H+K Strategies, começou na Dasa como especialista de PR e conteúdo. Foto, identificada

- Ana Carolina Merência, assistente de atendimento, despediu--se da Approach, onde iniciou como estagiária dois anos e meio atrás, e foi contratada pela Textual como atendimento pleno para a BRF, na parte de premiação e eventos institucionais.
- Ana Clara Maksoud deixou a Weber Shandwick, após pouco mais de três anos de casa, como executiva sênior, e foi para a Edelman, contratada como gerente para as contas de SouthRock (Starbucks + TGI Fridays), Habib's e Hellmann's.
- Andressa Aricieri, executiva

de atendimento, despediu-se da NR-7, onde esteve por pouco mais de um ano, e iniciou nova jornada profissional como consultora de comunicação júnior na FleishmanHillard.

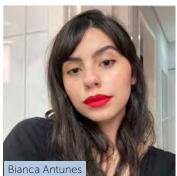
■ Bianca Antunes, estagiária por dez meses, foi efetivada pela Edelman na função de executiva júnior.













XP inc.







- Bruna Pereira, ex-ADS e Excom, deixou o Grupo Rai (Dezoito Comunicação), onde era coordenadora de PR e estava há quatro anos, e há algumas semanas iniciou nova jornada na Nova PR, como executiva de contas.
- Bruno Pitton deixou a CDI, onde ficou por pouco mais de três anos, até dezembro, na função de líder de projetos criativos e design. Ele também já esteve em BTG Pactual, GPA e Banco Votorantim.
- Carolina Pereira retomou a carreira, após quase um ano em período sabático, iniciando nova jornada como especialista sênior na SAS. Combinando passagens alternadas por redações, áreas corporativas e agências de co-



municação, Carol já esteve em Serasa, CDI, Gazeta Mercantil, entre outros locais.

- Caroline Tondato, ex-Grupo Rái, deixou a Nova PR, onde ficou por seis meses, até abril, na função de coordenadora de PR, e está agora na mesma função na Motim
- Cristina Leite Fernandes, ex--Vianews e RPMA, deixou a Suporte Comunicação, onde era coordenadora e esteve por sete meses, até abril, e começou na Pub, como gerente de atendimento para marcas da Nestlé.
- Daniela Vinci, que era coordenadora de comunicação na MktMix, onde esteve por 11 anos e meio, deixou a agência e come-



cou agora em maio como Brand PR na CB PR & MKT.

- Fabio Peixoto despediu-se neste início de maio da Natura & Co, onde era gerente de comunicação corporativa Latam e estava há pouco mais de um ano (ficou outros quatro anos e meio na própria Natura, em que foi gerente de comunicação e criação). Ele foi também, por 14 anos, da Abril Mídia, passando ali por vários veículos em diferentes cargos editoriais e de marketing.
- Fernanda Cordeiro deixou a bcbiz Comunicação, após quase dois anos e meio de casa. E começou em maio como assessora sênior na Approach, para a conta da Accor Hotels.



■ Giovana Cardozo deixou a equipe de executivos da NR-7 Comunicação, após quase um ano de casa, e foi contratada como executiva de atendimento pela Fala Criativa, do Grupo Fala Hub. Ela foi anteriormente da EDB Comunicação. ___



















- Henrique Carvalho, ex-FleishmanHillard, onde ficou por um ano, até janeiro, está agora como coordenador de comunicação na Brunswick.
- Isadora Bertucchi Cardoso,



ex-Conteúdo e Tastemakers, que estava há nove meses na Spark, foi contratada como analista de marketing de influência pela Queima Diária.

■ James Scher, que teve uma pas-



sagem de oito meses pela Agência Lema, começou em março na Access Mídia para atuar na assessoria de imprensa dos artistas Duda Reis, Mariana Rios, Bárbara Fialho, Wanessa Camargo e Gizelly Bicalho.



■ Kaina Spyridion, que esteve por um ano e quatro meses na G&A, até abril, foi contratada pela XCOM como assessora de imprensa e relações públicas.



- Larissa Gomes, ex-BCW, Edelman e In Press, começou em abril como analista de marketino na Adecco, que atua na área de recursos humanos.
- Letícia Baie, gestora de comunidade e conteúdo, deixou a Houhou (medicina alternativa)



e começou como atendimento júnior na aboutCOM, para os clientes Adjust e ESET.

■ Lidiana Dourado, ex-RP1, que esteve na Máquina CW por quatro anos, até abril, reforça, como executiva de atendimento, o time da BCW Brasil.



- que estagiou em Approach e Index Conectada, iniciou em abril jornada profissional como atendimento júnior na Edelman.
- Marcell Urataki, que vinha atuando como autônomo, acertou



- na Edelman, começou em abril como gerente de comunicação júnior na Danone.
 - Mary Persia, que esteve por oito anos e quatro meses na SulAmérica, ocupando várias funções nesse período, chegou recentemente à Rede Globo, ali assumindo o curioso cargo de evangelista de segurança da informação. Vale registrar que ela atuou por sete anos na Folha de S.Paulo e outros três no Estadão. ___









conitnuação - Comunicação Corporativa



Mary Persia com a Digital Trix e ali começou em marco como assistente de assessoria de imprensa. ■ Maria Fernanda Giembinsky, ex-In Press Porter Novelli, que esteve por mais de cinco anos





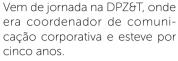
Jornalistas & Cia página 32

SAMSUNG





- Mylena Fiori, ex-Ministério da Agricultura, Conab e Ipea, que atuou por quase um ano e meio como assessora de comunicação da Associação Brasileira dos Produtores de Algodão (Abrapa), integrou-se em abril ao time da Danthi Comunicações, como assessora de comunicação.
- <u>Otávio Almeida</u> começou em abril como *head* de PR da Fbiz.



- Paula Mariane, consultora na Sherlock Communications, deixou a agência em abril, após dez meses de casa, e foi para a VCRP, como executiva sênior.
- Renata Ferro, executiva de contas, deixou a Index Assesso-

ria, na segunda passagem por lá (no total, esteve por três anos na agência), e começou como atendimento sênior na Ideal H+K Strategies.

■ Sara Laura Alves, analista de marketing júnior, deixou a SulAmérica, onde ficou por dois anos e meio, e está agora no Marketing do Hospital Israelita Albert Einstein, como analista pleno.











Mylena Fiori





- Tamiris Del Chico, analista de comunicação externa, deixou a CTG Brasil, após pouco mais de cinco anos de casa. Antes, esteve por quase cinco anos na Duke Energy Co.
- Thatiana Dias despediu-se em fevereiro da Edelman, após seis anos de casa, para assumir a Coordenação de Comunicação e Marketing do Bourbon Hotéis & Resorts.
- Vanessa Vieira, gerente executiva de Comunicação Externa, deixou a EDP, após pouco mais de quatro anos de casa. Antes, sua trajetória deu-se no jornalismo, em veículos como Você S/A,



Veja e Rede Globo.

- Vitória Kennedy, ex-Core, Máquina CW e Ideal H+K Strategies, que esteve por um ano na Edelman, até março, integrou-se ao time da TM Comunicações, na função de coordenadora de atendimento.
- Wagner Eufrosino, que transitou pela grande imprensa, em várias redações, e também teve experiências em assessoria de imprensa, regressou ao Grupo In Press como consultor, após um ano na Loures Consultoria. Na passagem anterior, como temporário, ali ficou por seis meses, no auge da pandemia.



Entrou em licençamaternidade

■ Marina Moura, gerente de Marca e Comunicação na Pixeon, em Florianópolis, na empresa desde março de 2011.







Jornalistas & Cia Edição 1.361 página 33

SAMSUNG





Dança das contas

Syngenta assina com Edelman e FSB para as áreas de Sementes e Proteção de Cultivos

- A Syngenta anunciou duas das mais tradicionais agências de comunicação do País como suas agências, respectivamente para as áreas de Sementes – a Edelman; e Proteção de Cultivos – a FSB.
- Neste novo modelo, caberá à Edelman atender às frentes de comunicação externa, como estratégias de posicionamento, relacionamento com a imprensa e gestão de crise, além de criação e comunicação nos canais internos da Syngenta Seeds no Brasil e Paraguai. O time será liderado pela diretora Ana Paula Sartor, com gestão direta de Camila Holgado. A equipe é formada por Dulcelene Jatobá, Letícia Machado de Oliveira, Lea Walker e Mauricio

Alves. Os contatos poderão ser feitos pelo syngentaseeds@edel man.com.

► A FSB Comunicação fará a gestão do trabalho da Syngenta Proteção de Cultivos com iornalistas, influenciadores e formadores de opinião, além de administrar as redes sociais e a comunicação interna da companhia no Brasil. O time de atendimento ficará alocado na vertical dirigida por Rodrigo Pinotti, dentro do núcleo da diretora executiva Daniela Fernandes. A gestão estará a cargo de Guilherme Galvão, que liderará a equipe formada por Michely Santana, Isabel Carvalho, Hernani Rosa, Taciane Brasil, Guilherme Wanke e Luan Foresti.

O e-mail de contato é <u>syngenta.</u> <u>fsb@fsb.com.br</u>.

E mais...

- Também a FleishmanHillard está com novo cliente em carteira: a The Hershey Company, empresa americana que produz chocolates, pastilhas e snacks. A agência será responsável pela comunicação institucional da marca e de produtos como Hershey's, Ice Breakers, Reese's, Hershey's Professional e Hershey's Special Dark. Direção de Daniela Farina, gerência de Bruna Ballini e atendimento de Giovanna Cardoso.
- Em Blumenau (SC), a Trevo, de <u>Sabrina Hoffmann</u> e <u>Alberto</u> <u>Pereira</u>, iniciou o atendimento à

Híbrido, consultoria catarinense de *e-commerce* que apoia marcas de indústria e varejo. Sabrina (sabrina@trevocomunica.com) está à frente do atendimento.

■ A recuperação da pandemia é um enorme desafio para a maioria das economias do mundo. O fim da fase mais aguda da Covid-19 também coincidiu com a invasão russa da Ucrânia. O IDEAS LLYC, Centro de Liderança pelo Conhecimento da consultoria LLYC, acaba de lançar *Recuperar para Transformar*, edição número 38 da Revista UNO. A publicação, já disponível em versão digital, reflete sobre a colaboração público-privada e o papel que desempenha na recuperação económica.

Por dentro da Comunicação Pública



"Como falar com quem mais precisa?" foi o tema do primeiro módulo do *Programa Avançado em Comunicação Pública 2022*

Você, comunicador público, parou para refletir se a informação produzida no órgão em que atua alcança quem realmente precisa dela? Esta foi uma das provocações feitas aos alunos da terceira turma do *Programa Avançado em Comunicação Pública*, iniciado em 21 de maio.

O provocador foi **Renato Meirelles**, presidente do Instituto Locomotiva e fundador do Data Favela, palestrante convidado para dar início ao curso, que é uma parceria entre a ABCPública e Aberje. "O nosso ofício é muito parecido", afirmou. "É um ofício da busca

pela verdade factual e, partindo dessa verdade, conseguir contar histórias e persuadir os brasileiros a se informarem e usarem cada vez melhor os serviços públicos. Para isso, temos que entender a diferença demográfica entre cada um desses públicos".

Considerado um dos maiores especialistas em consumo e opinião pública do país, Meirelles apresentou dados de pesquisas realizadas pelo Instituto Locomotiva, que estimularam os alunos a enxergar os brasileiros e a própria comunicação pela lógica da demanda: "Entender que atrás

de cada número tem a história de alguém é fundamental para conseguir se comunicar com essas pessoas. É fundamental para fazer comunicação pública".

Entre os dados apresentados pelo especialista destacam-se: dos pouco mais de 210 milhões de brasileiros, 162 milhões estão distribuídos entre as classes C, D e E; metade das famílias brasileiras recebem até R\$ 2.394, enquanto apenas 1% tem renda familiar maior que R\$ 37.995; e mais: 17,6 milhões de pessoas vivem em mais de 13 mil favelas, e 61% são jovens de até 34 anos.

Além desse assunto, os alunos participaram de um bate-papo com líderes de comunicação de três órgãos públicos sobre o desafio de se fazer comunicação pública em ano eleitoral.

Você pode <u>conferir a notícia</u> <u>completa no nosso site</u>.

Lembramos que ainda dá tempo de adquirir outros módulos do curso. O *Programa Avançado em Comunicação Pública 2022* vai até **15 de outubro**, com aulas online e aos sábados, por meio do aplicativo Zoom.

Acesse https://abcpublica.org.br/pacp/ e inscreva-se.

Comissão de Trabalho aprova projeto que institui política nacional de linguagem simples em órgãos públicos

A ABCPública, em parceria com a pesquisadora **Heloisa Fischer**, teve intensa participação na construção do substitutivo aprovado

A Comissão de Trabalho, Administração e Serviço Público da Câmara dos Deputados aprovou

projeto de lei que institui a Política Nacional de Linguagem Simples nos órgãos e nas entidades da administração pública direta e indireta.

Os objetivos da política incluem possibilitar que as pessoas consi-

gam encontrar, entender e usar facilmente informações publicadas pelos órgãos e entidades, reduzir os custos administrativos e o tempo gasto com atividades de atendimento ao cidadão, e facilitar a participação e o controle

da gestão pública pela população.

O texto aprovado é o substitutivo do relator, deputado <u>Vicentinho (PT-SP)</u>, ao <u>Projeto de Lei 6256/19</u>, dos deputados <u>Erika Kokay (PT-DF)</u> e <u>Pedro Augusto Bezerra (PDT-CE)</u>.





GERDAU

Mediajalks (



Por dentro da Comunicação Pública



A proposta conceitua linguagem simples como o conjunto de técnicas para transmitir informações de maneira clara e objetiva, como redigir as frases em ordem direta, preferencialmente em voz ativa, usar frases curtas, evitar redundâncias e palavras desnecessárias e estrangeiras, entre outras. Essas técnicas deverão ser observadas na redação de textos destinados ao cidadão.

"Em nosso substitutivo, sugerimos mudancas no texto original para que constassem todas as técnicas, e não apenas algumas, referentes à redação em linguagem simples", explicou Vicentinho. "Também deixamos clara a intenção de que a linguagem simples seja adotada especificamente nas comunicações para o cidadão, por intermédio de sites. jornais impressos, aplicativos e publicidade, não atingindo, portanto, todos os atos da administração pública, como pretendia o projeto original", completou o relator.

Encarregado

Segundo o texto aprovado, os órgãos e entidades da administração pública direta e indireta deverão definir, no prazo de 90 dias após a publicação da lei, caso aprovada, o encarregado pelo tratamento da informação em linquagem simples. Ao encarregado competirá promover o treinamento dos comunicadores do órgão sobre as técnicas da linguagem simples, supervisionar a aplicação da lei e receber reclamações e sugestões da população, prestar esclarecimentos e adotar providências

Caberá ao Poder Executivo de cada ente da Federação e Poderes definirem diretrizes complementares e formas de operacionalização para o cumprimento da medida. Municípios com menos de 50 mil habitantes estarão desobrigados do cumprimento, se for imprescindível o aumento de despesas para aplicar a medida.

"Por provocação do partido Novo, incluímos artigo que desobriga municípios de até 50 mil habitantes de implementar a lei, em razão de possível aumento de gastos", destacou o relator. "Esse recorte populacional tem sido recorrente na legislação, como é o caso da Lei de Diretrizes Orçamentárias de 2022, que, compreendendo a situação de fragilidade fiscal dos pequenos municípios, os desobrigou da condição de adimplência para o recebimento de transferências da União", apontou.

Vicentinho também ressaltou

que, no Brasil, os municípios de São Paulo e de Cabreúva (SP) foram pioneiros na elaboração de leis locais para a instituição da linguagem simples pelas respectivas prefeituras.

Tramitação

O texto será analisado em caráter conclusivo pela Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania.

<u>Saiba mais sobre a tramitação</u> <u>de projetos de lei</u>

(Fonte: Agência Câmara de Notícias)



LAI completa dez anos com lançamento de livro com mais de 80 artigos sobre o tema

No dia 18 de maio, a Comissão de Legislação Participativa da Câmara dos Deputados realizou <u>audi-</u> <u>ência</u> para debater os dez anos da Lei de Acesso à Informação (LAI).

Durante a reunião, foi lançado o livro 10 Anos da Lei de Acesso à Informação: Limites, perspectivas e desafios. A publicação reúne artigos e entrevistas de mais de 80 autores de instituições de ensino e pesquisa do Brasil e do exterior, que tratam dos resultados, riscos e necessidade de aperfeiçoamento da Lei.

O livro, uma parceria da Intercom e Compolítica, está dis-

ponível na Biblioteca Digital da ABCPública. Confira!

Elen Geraldes, professora da Universidade de Brasília (UnB), faz parte da organização da obra, ao lado de outros 14 organizadores de diversas universidades e associações de pesquisa do País.



DICAS DE EVENTOS

Encontro de Comunicadores da UFRJ 2022 terá a presença do diretor da ABCPública Jorge Duarte

O evento, gratuito, realizado pela Superintendência Geral de Comunicação Social (SGCOM) da Universidade Federal do Rio de Janeiro, será no **dia 6 de junho, das 9h às 17h**, na Inovateca (Parque Tecnológico – Cidade Universitária).

A programação será marcada por atividades como conferências, interações e apresentações de cases de comunicação da UFRJ (experiências gerais) e de outras universidades (políticas de comunicação).

Um dos palestrantes convidados é o diretor da ABCPública **Jorge Duarte**, que falará sobre a *Importância e boas práticas em comunicação pública*.

Os participantes terão direito a certificado de participação, e ainda serão aceitos relatos de experiências (cases) de trabalhadores de unidades da UFRJ para apresentação no evento.

Confira a programação completa em https://ufrj.br/encontrodeco-municadores/.

Crise do conceito de verdade é tema da V Jornada Discente da FAC/UnB

Estão abertas as inscrições e submissões de resumos para a *V Jornada Discente de Pesquisa em Comunicação da FAC/UnB*. Quem deseja participar pode se inscrever e enviar os resumos expandidos até 6 de junho de 2022.

A *Jornada*, de **28 a 30 de junho** (online), é um evento organizado por estudantes do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília. Nesta edição, traz como tema principal *Crise do conceito de verdade: Pós-pandemia e pré-eleições.*

Serão formados grupos de trabalho para debater as pesquisas apresentadas, oficinas de caráter técnico e de apoio científico e mesas-redondas com temas urgentes nos três dias de evento, que será realizado online via plataforma de reunião síncrona, em respeito ao distanciamento social.

Para mais informações, acesse https://conferencias.unb.br/index. php/jdpc/JD-5.









SAMSUNG







PELO MERCADO

Fernão Silveira amplia escopo de trabalho na Comunicação Global da Stellantis. Renato Acciarto deixa a Volkswagen

- A área de Comunicação Corporativa global da Stellantis passou por novas mudanças em sua estrutura nos últimos meses. A principal envolve o trabalho do brasileiro Fernão Silveira, que já era responsável pela área de Estratégia, Planejamento e Monitoramento de Performance, e que desde março passou a responder também por Gerenciamento de Crise e Relacionamento com a Mídia
- ▶ A mudança ocorre pouco tempo depois da própria ida de Fernão para a Holanda, em janeiro deste ano, onde está localizada a sede do grupo, e um ano após a promoção dele, concretizada em maio do ano passado. Confira no Portal dos Jornalistas uma entre-

vista com o executivo sobre essa nova fase.

■ Depois de dez anos na Volkswagen, sendo oito anos na Gerência de Comunicação Corporativa, Interna e Digital, e os últimos dois em Relações Governamentais, Renato Acciarto deixou a fabricante em abril. Segundo o executivo, a decisão tem como objetivo retomar seu trabalho em Comunicação Corporativa. Antes da VW, Renato passou pelas TVs Gazeta e Bandeirantes, pelo extinto jornal Gazeta Mercantil e pelas áreas de imprensa da Mercedes-Benz e da General Motors.

E mais...

■ A Textofinal é a nova agência da Triskel Energy Solutions. Mais informações com **Koichiro Matsuo** (11-99983-1075).

■ Adriana Almeida (adriana.almeida@grupoprinter.com.br) retorna ao Grupo Printer Press, onde trabalhou por dez anos, agora para atender à conta da Harley-Davidson do Brasil. No período em que esteve fora, ela trabalhou na TV TEM, afiliada Globo no interior de SP.



PELAS REDAÇÕES

Após 38 anos, Carga&Transporte encerra atividades. Evandro Enoshita começa no Webmotors

■ Uma das mais tradicionais e longevas publicações do segmento automotivo, a revista Carga&Transporte encerrou suas atividades após 38 anos. A decisão foi comunicada na semana passada pela diretora executiva Vera Lucia Novelli Vieira, que comandou a publicação nos últimos 30 anos ao lado do marido **José Luiz Vieira**, falecido em maio de 2020.

► Com o fim da publicação, deixam a redação o editor-chefe

> Ricardo Panessa (11-95150-5353 e rpanessa@yahoo.com) e a repórter responsável por mídias sociais Sonia Marques (11-98808-3916 e soniamarques@escritoriodanoticia.com.br). Também integravam a equipe o diretor de arte Fabio Bortoloto e o diretor comercial Angelo Lastri Neto.

► A marca ficará aos cuidados da advoga-

da Regina Lucia Novelli Franco, prima de Vera, que será responsável pela venda, terceirização ou arrendamento do título. Interessados podem entrar em contato com ela pelo <u>franco.adv@uol.com.br</u>.

Confira mais detalhes no Portal dos Jornalistas.

■ Desde agosto do ano passado



na área de conteúdo do InstaCarro, Evandro Enoshita despediuse da publicação e começou em 23/5 como repórter do Webmotors. Antes, ele integrou a equipe da Motor Show, em duas oportunidades, e passou pelas redações de iG Carros, revista Carro e jornal Destak. Enquanto não define seus novos contatos profissionais, atende pelo evandroakira@gmail.com.

E mais...

■ Antônio Fraga (fraga@macchinaweb.com.br), que já respondia pelo portal Auto On, do Grupo EP, de Campinas (SP), passou a cuidar também da edição do novo caderno Diário Motor do Diário Campineiro. A suplemento semanal estreou no último sábado (28/5).



Ricardo; sentado: José Luiz

Em pé: Angelo (esq.), Fábio, Sonia, Vera e

Mobilidade – ■ A Aberje promove em 9/6 a primeira edição de 2022 do Lab de Comunicação para a Mobilidade. Participarão do debate online, que terá início às 16h, Tainá Costa (Vital Strategies), a consultora de desenho urbano Vivi Tiezzi e Nelson Silveira (GM).

A inscrição é gratuita.

Elétricos – ■ Agora à frente do recém-lançado site Use Elétrico, Marcos Rozen (ex-AutoData) participou neste mês de um desafio: ir de São Paulo até Buenos Aires, passando por Montevidéu, a bordo de um veículo elétrico. Confira a reportagem especial.





Jornalistas & Cia Edição 1.361 página 36

SAMSUNG







A encantadora visita da jovem Tina

Por Assis Ângelo

Eu estava pra lá e pra cá na cadeira de balanço quando o telefone tocou. Fui atender, caiu. Voltei à cadeira. O telefone tocou novamente. Dessa vez consegui. Era Tina.

Tina é uma jovem jornalista que tem combatido o tempo todo as *fake news* espalhadas no terreno livre da internet, por gente que não tem tocômetro. Tina perguntou: "É o Assis?".

Segundos após eu confirmar que sim, que era eu, Tina perguntou se a poderia receber para uma entrevista e conhecer o meu acervo de livros, discos e outros documentos brasileiros. "Sobre tudo, são vários assuntos", foi logo falando.

Achei graça no jeito descontraído, leve, da menina Tina se expressar. E respondi: "Claro, estou à sua disposição".

Horas depois, Tina bateu à porta. Disse que nascera em São Paulo e sempre sonhou ser jornalista. Não foi difícil. O pai dela, o cartunista **Maurício de Sousa**, deu-lhe todo o apoio.

Maurício é um dos mais importantes nomes dos quadrinhos brasileiros. A história dele é conhecida por todo mundo.

Em 2005, o jornalista alagoano <u>Audálio Dantas</u> (1929-2018) lançou o livro *A Infância de Maurício de Sousa*.

Com o canudo conquistado na faculdade, Tina logo foi às ruas em busca de notícias. Paralelamente, enquanto caçava fatos, mergulhava nas redes sociais e espantou-se com o volume enorme de mentiras colocadas à disposição dos incautos.

A jovem contou-me isso sem esconder a revolta que as *fake news* lhe causam. "Foi assim, seu Assis, que decidi dar rumo à minha vida.

Tenho várias amigas e amigos que me ajudam nessa tarefa. O cartunista JAL é um desses amigos", contou.

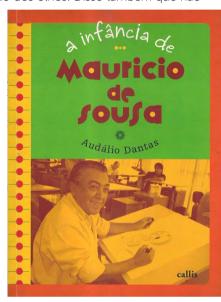
Solidário, ofereci-lhe o meu apoio.

Depois disso, dessas breves revelações, Tina disse que acompanha os meus passos no jornalismo há muito tempo e que sentia muito o fato de eu ter perdido a visão dos olhos. Disse também que não

perde os textos que publico no Jornalistas&Cia. Até lembrou alguns, como o que fiz sobre João do Rio, sobre <u>a</u> <u>Imprensa Negra do Brasil</u> e, especialmente, sublinhou: "Adorei a entrevista que o sr. fez com <u>Deus, Jesus e Marx</u>".

Realmente, Tina é muito inteligente. Esperta, diriam alguns, mas prefiro o termo inteligente.

Depois de falas e falas, perguntas e perguntas, Tina elogiou o site do Instituto Memória Brasil e o blog que mantenho na internet. Curiosa, quis saber como é que produzo meus textos, já que não posso mais escrever.



"Eu os dito", respondi, acrescentando: "Pessoas incríveis me auxiliam nessa tarefa. Entre essas pessoas queridas destaco a Anna da Hora".

Ainda muito curiosa, quis saber quem é Anna da Hora. E eu disse: "Anninha é uma jovem como você, recém-formada em Artes Visuais".

Quando pensei que já havia atendido a todas curiosidades de Tina, ela veio perguntando como desenvolvi a <u>adaptação de *Os Lusíadas*</u>. Ai, ai, quanta curiosidade!

Respondi à jovem, filha de Maurício, que *Os Lusíadas* é uma obra encantadora e como tal sempre despertou em mim a vontade de recontar a história das navegações escritas pelo grande poeta português Luís Vaz de Camões. "Seu Assis, eu li *Os Lusíadas* graças ao Sr. e gostei. Muito. Agora quero saber se a sua adaptação da obra de Camões vai a teatro e virará livro".

Entusiasmei-me, confesso, com a abordagem da jornalista. E de repente, vi-me falando pelos cotovelos. Disse-lhe que meu sonho, um dos meus sonhos é ver *A Fabulosa Viagem de Vasco da Gama no Mar*

para canto e cordel. Pensei numa ópera popular. Mas não está fácil realizar essa minha vontade. "O Sr. já falou com o governo português, com os representantes do governo português no Brasil?".

Tina realmente é uma menina muito interessante, atenta a tudo.

Quando pensei, de novo, que havia satisfeito a sua curiosidade, ela soltou mais perguntas: "E o rádio? E a televisão? Eu soube que o Sr. já publicou até folhetos de cordel. Na verdade, já li alguns, gostei muito daquele <u>A Vida como</u> Tragédia e um Cego por Teste-

munha. Também gostei muito do folheto <u>Jornalismo e Liberdade</u> nos <u>Tempos de Pandemia</u>. O Sr. não pretende voltar ao rádio ou à televisão?".

Havia tempo que eu não falava com alguém tão jovem e tão curiosa a respeito do dia a dia que vivemos. Bom, respondi que sim. Que pretendo voltar às ondas do rádio e à TV. Mas para isso, faz-se necessário que alguém me veja e entenda meus propósitos: "Tornei-me invisível. Tina".

A jovem filha de Maurício parece não ter gostado muito da palavra "invisível" e rebateu: "Desculpe, mas acho que o Sr. não está invisível coisa nenhuma, o Sr. tem produzido muita coisa, muita coisa mesmo! Na verdade, acho que o fato de o Sr. ter ficado cego ficou foi melhor. Adoro seus poemas e todos os seus textos. Sou sua fã".

Para provar o que dizia, Tina começou a declamar um poema que fiz pouco tempo depois que perdi a visão:

É magra e graciosa Elegante e mágica Não tem pena nem pecado É dócil, é prática É bela, belíssima De beleza clássica

Ela é solidária E não sabe dizer não Ela abre meus caminhos Com firmeza e decisão E vai pra onde eu vou Sem largar a minha mão

Eu adoro essa magrela Pela sua discrição Por gostar do que eu gosto E me dar sua atenção Eu a ela dou a vida E ela a mim sua visão

Quieta, mas atenta Sai comigo a passear Com um passo mais à frente Em silêncio, sem falar Mas tudo que lhe peço Ela dá sem reclamar

Mas que magrela é essa Que me tira da rotina E me leva a ver a vida Pela ótica feminina Seja dia, seja noite Oh, meu Deus! É Serafina.







SAMSUNG







Espantei-me e, claro, não deixei de perguntar onde ela tinha descoberto esse texto.

Com ar de mistério, Tina riu e disse: "Eu não revelo as minhas fontes".

Achei graça e ri também. E ela: "Aliás, aproveitando a oportunidade, gostaria que me dissesse como perdeu a visão. A propósito, esse poema é uma homenagem à bengala, não é?".

Bom, perdi a visão em 2013 depois de várias cirurgias no Hospital das Clínicas. Essa perda foi provocada por descolamento de retina. Muita gente passa por isso. É de repente e não tem uma causa específica. Perder, perdi. Fazer o quê? O caso é adaptar-me à nova vida que vivo. Claro que ainda sofro problemas decorrentes do descolamento, como depressão. Mas a gente vai levando, com apoio de amigos e amigas. Amigos novos, pois os outros deixaram-me a ver navios e lamentando o que tinha que lamentar. Não é brinquedo, não. Tenho feito muitos poemas abordando o tema da cequeira. Um deles, este:

Devastadora e sonsa E filha da implosão Ela pega, ferra e mata Em nome da solidão Não gosta de alegria Ela gosta da perdição

Não tem cara, corpo ou alma É invisível e letal Nunca fez bem a ninguém Pois é um mal universal E não vou falar mais dela Porque não presta e ponto final! (Depressão, 2005)

Enfim a cequeira não é o fim, não é mesmo?

Em determinado momento, agora sim satisfeita, Tina despediu-se com um aperto de mão, lembrando: "O dia 10 de junho é o Dia da Língua Portuguesa. Nesse dia também é lembrada a morte de Camões. Vai escrever algo?". Talvez, respondi.

Antes de sair, Tina voltou-se tirando da mochila que levava às costas uma publicação ilustrada, e em braile, de Dorinha e a Turma da Mônica - Brincando pelo Brasil.

"É mais uma publicação dos Estúdios Maurício de Sousa", informou. Flor Maria, que discretamente acompanhava nossa conversa, pediu licenca pra dizer que adora a personagem Dorinha. E contou: "É a história de uma personagem baseada na paulistana Dorina de Gouvêa Nowill, que ficou cega guando tinha 17 anos de idade. Morreu aos 91 anos, em agosto de 2010. Li que ela foi a primeira aluna cega a frequentar um curso regular na Escola Normal Caetano de Campos, em São Paulo. Posteriormente, Dorina colaboraria para a elaboração da lei de integração escolar, regulamentada em 1956. Estudou e fez

vários cursos, inclusive o de especialização em educação de cegos no Teacher's College da Universidade de Columbia, em Nova lorque, EUA".

Poxa, eu disse sem me conter: "Como você sabe disso tudo?".

A resposta foi rápida: "Sabendo". Após isso, Maria levou Tina até a porta e se despediram.

A Fundação Dorina Nowill para Cegos é uma instituição surgida em 1946 sob a denominação Fundação para o Livro do Cego no Brasil.

Foto e reproduções de Maria Flor



Assis, com o livro de Dorinha



Maurício, para Assis

Contatos pelos assisangelo@uol.com.br, http://assisangelo.blogspot.com, 11-3661-4561 e 11-985-490-333.

Um inventor completo, que morreu no ostracismo

Por Álvaro Bufarah (*)

Esta semana vamos tratar de uma história que demonstra a falta de apoio aos pesquisadores e empreendedores brasileiros. Neste ano, comemoramos o centenário da primeira emissão oficial de rádio no País. Ao revisitar a história do meio, podemos perceber que o padre Roberto Landell de Moura, o inventor que primeiro transmitiu voz humana sem fio a distância, passou por muitos momentos tristes, sofreu muito preconceito e ainda morreu sem ver seus inventos reconhecidos pelos brasileiros.

A propósito desse momento histórico, Hamilton Almeida, jornalista, escritor, pesquisador e biógrafo de Landell, está lançando seu quinto livro, em que atualiza a saga do padre inventor, demonstrando que se ele tivesse um pouco mais de incentivo talvez hovesse alterado, dos Estados Unidos para o Brasil, o eixo do desenvolvimento da indústria do rádio e da TV. Esta semana, chega às livrarias o livro Padre Landell - O brasileiro que inventou o wireless, da Editora Insular. A



obra é resultado da pesquisa de uma vida, já que Hamilton pesquisa a trajetória do padre cientista desde a faculdade, há mais de 40 anos.

Álvaro Bufarah – Antes falar da história dos livros, eu gueria que você nos ajudasse a contar aos nossos ouvintes e leitores. Quem foi o padre Landell de Moura?

Hamilton Almeida – Roberto Landell de Moura, o padre Landell. Ele foi um grande inventor na área de telecomunicações, sendo na verdade o pioneiro. Foi ele quem fez a primeira transmissão de voz por ondas de rádio da história. Só esse fato, por si, já é grande demais. Essa experiência foi feita em 16 de julho de 1899, na capital paulista. Antes dele, ninguém tinha ainda conseguido colocar a voz em ondas





SAMSUNG





de rádio. Marconi colocou os sinais telegráficos de código Morse em ondas de rádio. E essa é a grande diferença. Então, o padre Landell pode ser considerado o inventor propriamente dito do rádio que nós conhecemos. Ele chegou a projetar a televisão, uma espécie de teletipo e fez uma série de outros aperfeiçoamentos.

Também teve sacadas geniais, como já naquele instante, no final do século 19 e começo do século 20, saber que as ondas curtas aumentariam a distância das transmissões. Ninguém ainda pensava nisso. A questão era transmitir algo a algum lugar e ele já pesquisava esses conceitos. Então, por tudo isso, foi um grande inventor e, infelizmente,

> um inventor pouco conhecido e injustiçado em sua época

> Álvaro – Você está lançando o quinto livro sobre o padre Landell de Moura e o título deste é Padre Landell – O brasileiro que inventou o wireless. Gostaria que falasse sobre a sua obra.

> Hamilton - O padre Landell, ao transmitir a voz ou fazer uma transmissão de voz e sons musicais por ondas de rádio, abriu a era wireless e abriu também a porta para uma série de invenções com o uso de ondas, que fazem parte do nosso dia a dia, inclusive o telefone celular, que é um rádio de baixa potência wireless.

> O livro acabou de sair do forno. Ele foi publicado pela editora

está começando a ser divulgado. E esse novo filhote é um livro que traz muitas novidades. Porque, de certa forma, eu reescrevi a história do padre Landell, mais uma vez, contando uma série de detalhes. Somente da passagem dele nos Estados Unidos, como foi todo o processo de patenteamento, o que o Departamento de Patentes pedia para ele? Como é que ele respondia, o que eles pediam? Mais e mais informações, mais requisitos técnicos, ou pediam experiência? Enfim, toda essa luta que ele teve. E ele adoeceu nesse meio tempo também. É toda uma luta intensa que teve e uma série de outros detalhes da vida religiosa dele. Como foi a formação dele lá em Roma? Eu consegui informações interessantes sobre isso também pesquisando *in loco.* É outra coisa que acho sensacional é que o Padre Landell foi reconhecido, sim. Nos Estados Unidos. Outros inventores que vieram depois dele utilizaram suas patentes, que são citadas em referências de outros inventos. Isso é uma coisa que não se sabia. Nem o padre Landell soube, porque houve situações que aconteceram depois da sua morte. Então, de alguma forma, o que ele fez não passou em branco, despercebido. E exatamente nos Estados Unidos. No Brasil, infelizmente, ele não teve essa sorte.

Álvaro – De onde vem essa paixão pela vida e obra do padre Landell? Como foi o desenvolver dessas pesquisas que culminaram em cinco livros?

Hamilton – Tudo isso começou em uma aula na Faculdade de Jornalismo da Faap. Eu fui aluno do professor chileno Júlio Zapata. Ele era o professor da cadeira de rádio e a primeira aula dele naquele ano, no terceiro ano de Comunicação Social, foi sobre a verdadeira história da invenção do rádio. Ele apresentou um resumo do que existia até aquela época, um único livro, do biógrafo gaúcho Ernani Fornari, que inclusive teve a oportunidade de conhecer e conviver um pouco com o padre.

Naguele momento, figuei terrivelmente impressionado com aquela história, com a injustiça que o padre tinha sofrido. Naquela época,

Hamilton Almeida Insular, de Florianópolis. Então, todo mundo aprendia na escola que o rádio era invenção do italiano Guglielmo Marconi. Tinha isso dentro da cabeça. Foi um brasileiro e foi injustiçado e fez um monte de coisas. Isso me marcou muito também graças a esse professor, porque a coisa podia ter sido encerrada ali. Mas ele foi muito perspicaz e insistiu muito que a história não estava completa. Muitas coisas ainda vão ser descobertas, disse. E eu não sei por que então figuei com aquilo na cabeça e foi isso que me estimulou a começar a pesquisar. Logo de início, encontrei um ex-coroinha do padre, com mais de 80 anos na época, que vivia em Mogi das Cruzes. E aí vi que realmente muitas informações ainda não tinham sido registradas. Daí entendi que o professor tinha razão e que poderia descobrir mais dados. Assim, iniciei minhas pesquisas, seguindo um caminho que me levou até Porto Alegre, onde descobri muitos documentos inéditos,

Na verdade, aquilo foi só o início, porque eu continuei reescrevendo essa história ao longo de toda a minha vida, até agora. O padre andou por vários lugares, várias paróquias. Países diferentes, como Itália e Estados Unidos. Então, fui pesquisando, varrendo, digamos assim, todas essas coisas e aprofundando e lendo livros de época, jornais. Foi uma pesquisa realmente longa. O material foi sendo registrado em livros, sendo que um deles foi publicado na Alemanha. Até que cheguei ao que considero minha obra-prima, porque não só sintetiza tudo isso como tem uma série de informações novas nesse último livro que reescrevi.

que foram me ajudando a reescrever a história do padre.

Álvaro – Por favor, detalhe a história desse padre pesquisador para que possamos entendê-lo melhor.

Hamilton – O padre Landell, gaúcho de Porto Alegre, nasceu no dia 21 de janeiro de 1861. Já na adolescência, demonstrava um viés científico, pois gostava de fazer composições químicas. Construiu um telefone aos 16 anos, apenas um ano depois da invenção de Graham Bell, quando o equipamento ainda estava chegando ao País.

Então, ele tinha já uma preocupação, um interesse grande por essa área da comunicação, que depois foi para a comunicação sem fio. Mas como é que ele deu esse salto? Ele estava numa cidade muito pequena na época. Não havia muito potencial de estudo no Brasil. Porém, aconteceu o milagre... resolveu entrar para o sacerdócio. Foi para Roma junto com o irmão mais jovem. Lá, além do seminário, foi estudar Física e Química na Universidade Gregoriana. Ele fez dois cursos de nível superior ao mesmo tempo, e isso deu a base para desenvolver seus estudos

De volta ao Brasil, continuou estudando, pesquisando, construin-

do seus inventos. Voltou para Porto Alegre, inicialmente, e depois veio para São Paulo, por volta de 1894. Depois foi para Campinas - não se tem muitos detalhes, mas sabe-se que ele fez alguns experimentos por lá. Provavelmente, o rádio teria nascido naquela cidade se ele não tivesse vindo para a capital paulista, onde fez duas experiências públicas que o transformaram, de forma documentada, no pioneiro do rádio. A primeira foi em 16 de julho de 1899, uma segunda no ano seguinte, em 3 de junho de 1900. Até então, ninguém ainda havia transmitido a voz por ondas de rádio. Por isso, esse pioneirismo.







Jornalistas & Cia Edição 1.361 página 39

SAMSUNG







Uma das patentes de Landell nos EUA

Ele patenteou o rádio no Brasil em 1901, mas não teve maiores repercussões com as experiências públicas. Também não conseguiu atrair patrocínio, e, sem recursos, não podia desenvolver as invenções.

Nesse momento, Landell foi para os Estados Unidos, uma decisão muito ousada. Imagine o padre, com poucos recursos, indo sozinho para os Estados Unidos. Obteve licença de um ano, mas na verdade ficou três anos e meio. Saiu de lá endividado, mas conseguiu seu objetivo, que era patentear as invenções nos Estados Unidos. Foram três patentes. Ele volta ao Brasil com a esperança de finalmente ter algum retorno. Chegou a pedir navios para a Marinha, ao que consta, recursos ao Governo do Estado de São Paulo, mas não obteve nada.

Álvaro – Parece que, em algum momento dessa trajetória, por ele ser padre, por ele desenvolver essas tecnologias, não foi muito bem aceito pela própria comunidade. As pessoas achavam que ele era um bruxo, algo assim, que falava à distância e tal. Quer dizer, enfrentou também muito preconceito na sua época?

Hamilton – Enfrentou, justamente por ser padre e cientista. Sabe que chegaram a destruir os aparelhos dele, provavelmente em Campinas? Destruíram também o laboratório, tudo o que ele tinha lá, porque ninguém concebia. Os fiéis não aceitavam que um padre pudesse

até onde foi possível apurar, Landell voltou ao Brasil com uma dívida algo em torno de US\$ 4 mil a um amigo comerciante que conheceu lá. Se corrigirmos o valor para hoje, a dívida chega a cerca de 600 mil reais. Uma pequena fortuna para alguém como ele.

Então, está aí provavelmente um fim. Em função de todas essas circunstâncias, Landell foi espremido e não conseguiu levar adiante seus inventos. Ele realmente ficou muito magoado. Chegou a escrever um desabafo, comparando que Santos Dumont era um brasileiro reconhecido, que tinha feito uma grande coisa, e que ele tinha inventado o rádio e não tinha nada. Foi abandonado e injustiçado. Por isso, carregou uma amargura em função dessas circunstâncias até sua morte no anonimato. E se não fosse Fornari escrever o primeiro livro talvez ninguém mais conheceria sua história.

Álvaro – Diante dessa história triste, em que circunstâncias ocorreu a morte dele?

Hamilton – Ele estava já em Porto Alegre. Foi para lá em 1908 e faleceu em 30 de junho de 1928. Já existiam rádios, como vocês sabem. Espalhadas pelo Brasil e pelo mundo. Ele ainda assistiu a isso,



Landell e seu primeiro transmissor

se dedicar à ciência e à fé ao mesmo tempo. E ainda mais falar com alguém à distância, sem fio, que é uma coisa que não existia entre eles. O padre é maluco! Como é que ele faz isso? Está falando com um demônio, dentro dessa loucura toda, dentro desse obscurantismo todo. Destruíram e atrasaram as invenções dele. Mas, apesar disso, ainda foi adiante. A luta da vida dele foi sempre contra o obscurantismo e em favor da ciência. A visão dele era que religião e ciência podiam perfeitamente caminhar juntas. Tanto que estava com um pé em cada lado e não negou nenhuma das duas correntes.

Álvaro – Além das preocupações com a ciência, o padre Landell tinha uma grande preocupação com as pessoas. Ele tinha uma visão diferenciada para a época?

Hamilton – Sim, ele tinha. Foi um ser com grandes preocupações sociais, principalmente com as pessoas mais pobres, pois procurava abrir casas de acolhimento. Isso ele fez em várias fases da vida, sempre procurando ajudar ao próximo. E achava que a comunicação também serviria para isso.

Álvaro – Gostaria de saber como foi o momento após o desenvolvimento dos equipamentos e do registro das patentes.

Hamilton – Quando Landell volta dos Estados Unidos, oferece ao governo brasileiro, por patriotismo, seus inventos e tudo o mais. Porém, o privilégio oferecido não teve respaldo.

Com tudo isso, ele tinha a intenção de voltar aos Estados Unidos, continuar patenteando mais coisas, como, provavelmente, a televisão que estava desenvolvendo. Para se ter uma ideia, ele começou a projetar a televisão em 1904, sendo que o projeto pioneiro da TV que deu certo é do final da década de 1920. Mas para isso precisava de recursos, e ele não tinha, já que saiu de lá endividado. Até onde sei,

ao nascimento das emissoras, mas não pode ter seus inventos ligados ao meio rádio naquele momento.

Álvaro – No campo das suposições, como seria se ele tivesse voltado para os Estados Unidos? Teríamos outro fim para essa história?

Hamilton – Sim, se ele tivesse voltado aos Estados Unidos, como pretendia, e tivesse recursos para isso, certamente estaria ligado a alguma daquelas grandes empresas ou ao nascimento de alguma grande empresa. E aquela invenção teria sido antecipada no tempo. A própria televisão teria sido antecipada. Imagine o que poderia ter feito, pois era um inventor completo que conseguiu juntar som, imagem e texto em um momento que não havia tecnologia para isso.

A integra desta entrevista pode ser ouvida nas plataformas de streaming como podcast ou em: https://an-chor.fm/radiofrequencia.

O texto também pode ser acessado no blog do <u>RadioFrequencia</u>.

RadioFrequencia é um blog que teve início como uma coluna semanal na newsletter Jornalistas&Cia para tratar sobre temas da rádio e mídia sonora. Recebi o convite dos jornalistas Eduardo Ribeiro e Hamilton Almeida para escrever sobre os 100 anos do rádio no Brasil, comemorados em 2022. Os textos são da autoria do jornalista Álvaro Bufarah e as entrevistas podem ser ouvidas em formato de podcast e lidas em formato de texto no blog.



(*) Jornalista e professor da Fundação Armando Álvares Penteado (Faap) e do Mackenzie, pesquisador do tema, integra um grupo criado pela Intercom com outros cem professores de várias universidades e regiões do País. Ao longo da carreira, dedicou quase duas décadas ao rádio, em emissoras como CBN, EBC e Globo.





SAMSUNG

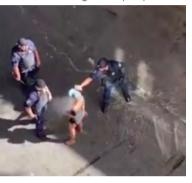






Jornalista é ameaçado por vizinhos após filmar agressão em SP

 O fotógrafo e videomaker Caio Castor vem recebendo ameaças por divulgar um vídeo que mostra uma dependente química sendo agredida por policiais



da Guarda Civil Metropolitana de São Paulo. O registro foi realizado no bairro dos Campos Elíseos, região central da cidade, área que ficou conhecida pejorativamente como "Cracolândia".

O caso ganhou rápida repercussão após ser exibido pelo telejornal SP2, da TV Globo, no último sábado (28/5). Instantes após a veiculação da reportagem, cerca de 15 moradores de prédios vizinhos do jornalista reuniram-se em frente ao seu apartamento e comecaram a ameacá-lo. O motivo seria um possível abandono da região pela GCM após a denúncia,

favorecendo assim a proliferação de usuários de drogas na região.

► Caio já fez colaborações para El País Brasil, Agência Pública, CartaCapital, Viomundo, Le Monde Diplomatique Brasil, Ruptly e Agência Pavio. Em nota, a Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji) repudiou com veemência o ataque.

E mais...

■ Giuliana de Toledo é a nova editora de Ambiente da Folha de S.Paulo. No cargo, será responsável pelo projeto Planeta em Transe, parceria na área de mudança climática entre a Folha e a Open Society Foundations. que terá duração até o final da iniciativa, em abril de 2023.

■ Jeferson Vita Araújo (ex--RedeTV e Record TV) começou na BandNews TV como produtor de Política.

Agenda-SP

■ O GGN adiou o lançamento do livro O Caso Veja, de Luis Nassif, e o Sarau do GGN. O evento duplo, que aconteceria em 28/5, no Bar Olaria, em São Paulo, foi adiado para este sábado (4/6), no mesmo local, a partir das 12 horas.

São Paulo-Litoral

O adeus a Ouhydes Fonseca

■ Morreu em 30/5 Ouhydes Fonseca, aos 82 anos, na Baixada Santista. Jornalista e mestre de muitos profissionais de comunicação da região, passou grande parte de sua carreira acadêmica na Universidade Católica de Santos (UniSantos), onde foi docente

*Pagamento no cartão de

IOEC

gm

por 40 anos. O corpo foi cremado na terça-feira (31/5) no Memorial Necrópole Ecumênica de Santos. Ele deixa esposa, três filhas, dois

netos e "nove irmãos inconsoláveis", como postou no Facebook Marcos Fonseca, um deles, também jornalista.

O Congresso Mega Brasil de Comunicação volta a ser presencial: dias 18 e 19 de agosto na Unibes Cultural.

E está com préinscrições abertas até 16/6, com um super desconto. Garanta seu lugar.



16/06!

SAP

hotmart





Jornalistas & Cia página 41

SAMSUNG





Emissoras da EBC celebram o centenário do rádio

■ As rádios MEC e Nacional, emissoras públicas geridas pela EBC, iniciaram nessa terça-feira (31/s) comemorações pelo centenário do rádio com um painel no Theatro Municipal do Rio. Além de um bate-papo com especialistas convidados a respeito da história e uma projeção sobre as perspectivas para essa mídia, houve o lançamento da playlist do Spotify Rádio 1950, com uma seleção que reúne o



repertório musical das estações nessa década.

- ► As ações conjuntas pelos 100 anos das transmissões de rádio no Brasil mobilizam outras emissoras e organizações do meio. Um spot comemorativo conta com vozes conhecidas do rádio. São profissionais de rádios públicas e comerciais, como Rádio Cidade, Paradiso FM, Antena 1, Transamérica, Band News FM e JB FM.
- ▶ Interprogramas diários sobre o centenário do rádio no País, com cinco minutos de duração, mesclam entrevistas e pesquisas de acervo para abordar aspectos históricos. A ideia é resgatar momentos marcantes na memória

afetiva dos ouvintes. A locução é da jornalista **Cláudia Bojunga**, profissional da EBC e bisneta de **Edgard Roquette-Pinto**, um dos pais da radiodifusão no País.

- ▶ O conteúdo também será transmitido por emissoras parceiras da Rede Nacional de Comunicação Pública (RNCP), como a Rádio Inconfidência, em Belo Horizonte, e a FM Cultura, em Porto Alegre. Os programetes serão ainda distribuídos pela Radioagência Nacional e ficarão disponíveis para as emissoras que quiserem utilizá-los.
- ► Eles recordam a importância das experiências pioneiras do padre Landell de Moura e da Rádio Clube de Pernambuco. Os primeiros

conteúdos também destacam a Semana de Arte Moderna de 1922 e a Semana da Independência, no mesmo ano. A Rádio Sociedade do Rio de Janeiro também é lembrada. Um dos primeiros entrevistados, aliás, foi o jornalista Hamilton Almeida, biógrafo de Landell, inventor do rádio. (Veja também a coluna 100 Anos de Rádio no Brasil, na pág. 37)

▶ O centenário do rádio no País é celebrado com ações multiplataforma em outros veículos públicos da EBC. A Agência Brasil vai publicar dez matérias especiais temáticas sobre essa história, enquanto a Radioagência Nacional vai fazer cem *posts* com os interprogramas em seu site.

Bruno Thys lança primeiro livro de ficção na terça-feira (7/6)

- Bruno Thys convida para o lançamento de *O canto do violino*, editado pela Máquina de Livros. Será na próxima terça-feira (7/6), das 19h em diante, na livraria Travessa de Ipanema (rua Visconde de Pirajá, 572).
- ▶ Jornalista habituado a relatar os fatos, neste seu primeiro livro de ficção o autor mistura imaginação com realidade, na novela ambientada entre o Rio atual e a

Europa do século passado, lugares que escondem segredos. No roteiro, um homem compra um violino usado. Dentro do tampo do instrumento, ele encontra objetos e sai em busca de seus significados, numa jornada de surpresas e emoções. É um livro denso, mas de leitura fácil, escrito com cuidado e delicadeza.

► Nas palavras de Nilton Bonder, rabino, escritor e dramaturgo,

que assina o prefácio, "Bruno nos conduz a uma viagem a suas próprias raízes: a herança judaica de seus antepassados no Leste Europeu, a música e o Rio de Janeiro". É um passeio por uma sinfonia de emoções humanas, tendo o repertório clássico como trilha dos momentos mais sublimes e também aterrorizantes da existência humana.

O CANTO DO VIOLINO



Marcado novo leilão do edifício A Noite



- Está marcado para 14/7 <u>novo</u> <u>leilão</u> do edifício A Noite, com lance mínimo de R\$ 38,5 milhões no pregão eletrônico. Esse valor é quase a metade do que foi pedido no leilão de maio do ano passado e não teve interessados.
- ► Construído em 1929, o imóvel tem projeto *art déco* de Joseph

Gire e leva o nome do arquiteto. Ficou, porém, mais conhecido como A Noite, título do jornal que sediou. Lá também funcionou a Rádio Nacional, na época áurea do rádio, com programas de auditório e as primeiras radionovelas.

▶ O Governo Federal, dono do

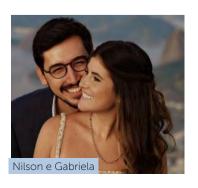
imóvel, não o utiliza desde 2012. Sem manutenção, o prédio vai precisar de altos investimentos para ser recuperado. Para uso residencial, o futuro comprador poderá utilizar os incentivos dados pela Prefeitura com o projeto *Reviver Centro*, conforme apurou o Diário do Porto.

Nilson Klava e Gabriela Scalabrini casam-se na capela do Cristo

■ Em cerimônia reservada na capela do Cristo Redentor, Nilson Klava, de 26 anos, repórter da Globonews que cobre o Congresso Nacional, casou-se no último sábado (28/6) com a também jornalista Gabriela Scalabrini, de 29 anos. "A ceri-

mônia íntima, num banquinho da capela tão pequenininha, de Nossa Senhora Aparecida, onde pude ouvir e sentir cada palavra dita pelos noivos, me fez sentir algo tão intenso que choro só de pensar", escreveu a mãe da noiva, Isabela Scalabrini, que

é repórter da Globo. "Parece que o coração vai explodir de alegria! Sou a pessoa mais feliz do mundo! Agradeço por tanto". Após a celebração religiosa, os recém-casados reuniram amigos e familiares em uma festa em Angra dos Reis.







Jornalistas & Cia Edição 1.361 página 42

SAMSUNG





PUC Minas abre processo de seleção externa de professores

■ A Pró-Reitoria de Recursos Humanos (ProRH) divulgou edital do Processo de Seleção Externa de Professores para a PUC Minas para o segundo semestre. As inscrições devem ser feitas até a próxima quarta-feira (8/6), pelo Gestão de Processos de Inscrição.

▶ As vagas são destinadas a disciplinas dos cursos de graduação dos Departamentos de Ciência da Computação, Comunicação

Social, Engenharia Civil, Enge-

nharia de Software e Sistemas de

Informação, Fisioterapia, Medicina, Medicina Veterinária, Odontologia, Psicologia e Teologia. Para a maioria das disciplinas, a titulação mínima exigida é a de mestre, com exceção de Medicina Veterinária (doutor), Odontolo-

gia (doutor) e algumas disciplinas de Medicina (especialista).

▶ Os demais requisitos podem ser consultados no edital, disponível no Portal PUC Minas, através do endereço <u>pucminas</u>. br/selecaodocentes.

Vordeste



- Equipe da Capuchino Press comandou a Sala de Imprensa do *Dragão Fashion Brasil (DFB Festival)*, com quase 400 jornalistas credenciados, no Aterro da Praia de Iracema, até o último sábado (28 de maio).
- Rafael Mesquita foi lançado candidato à reeleição para presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Ceará (Sindjorce), durante festa dos 69 anos da entidade. A festa, no Bar do Sindjorce, teve as presenças dos vereadores petistas Guilher-
- me Sampaio e Larissa Gaspar, além do presidente da Associação Cearense de Imprensa (ACI, Salomão Castro. Na oportunidade, Samira Castro foi anunciada candidata única à Presidência da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenai).
- Os projetos do Curso Messias Pontes de Comunicação e Direitos Humanos e do *II Encontro dos Jornalistas de Imagem e Profissionais de Comunicação do Ceará*, produzidos pelo Sindicato dos Jornalistas do Ceará

(Sindjorce), foram aprovados no Edital de Chamamento Público 001/2022, da Casa Civil do Governo do Ceará, que seleciona e financia iniciativas apresentadas por organizações da sociedade civil, viabilizando a celebração de parcerias, em regime de mútua cooperação. O Curso Messias Pontes tem o propósito de capacitar profissionais e estudantes de Comunicação para que, através de seu trabalho cotidiano, possam colaborar com a promoção da Democracia, da Cidadania e dos Direitos Humanos. A formação ocorrerá no

auditório do Sindjorce, contando com 11 aulas presenciais e tutoria online, totalizando 90 horas/aula. A programação presencial será uma vez por semana e, no último encontro, os participantes serão certificados. O Sindicato realizará, pela segunda vez, um encontro voltado para a formação profissional específica dos jornalistas de imagem da Região - repórteres cinematográficos, repórteres fotográficos, ilustradores e diagramadores. O II Encontro pretende reunir em Fortaleza cerca de 200 participantes de todo o Nordeste, em 2 e 3 de setembro.



(*) Colaboração de <u>Lauriberto Braga</u> (<u>lauribertobraga@gmail.com</u> e 85-99139-3235), com Rendah Mkt & Com (<u>contato@rendah.com.br</u> e 85-3231-4239).

Filho ingrato

Apollo Natali, brilhante jornalista das antigas, era exímio contador de causos, muitos deles herdados de uma tia que gostava de analisar o comportamento imprevisível do ser humano. "Aquela alma, frequentadora de altares católicos, colecionava

Por Daniel Pereira (<u>daniel07pereira@yahoo.com.br</u>), especial para J&Cia

histórias". Uma delas era a do homem que passou toda a vida levando luz aos moribundos. "Luz é a vela, é vida, certo? Me dá uma luz, pediam os moribundos e o sujeito colocava a vela nas mãos deles". Um dia chegou a vez de ele mesmo virar moribun-

do e pedir luz ao sujeito que o substituíra na função. Em vez de luz, o homem deitou na mão do outro os pingos da vela ardente. O moribundo olhou para o algoz e filosofou: "É, morrendo e aprendendo".















Morre David Coimbra, aos 60 anos, em Porto Alegre. E Rosvita Saueressia Laux, aos 70, em São Paulo

- Morreu em 27/5 **David** Coimbra, aos 60 anos, em Porto Alegre. Ele estava internado desde 22/5 no Hospital Moinhos de Vento, para tratar um câncer no rim descoberto em 2013. Deixa a esposa, Márcia, e o filho, Bernardo. A informação foi divulgada durante o programa Timeline, da rádio Gaúcha, pelos apresentadores Luciano Potter e Andressa Xavier. Diversos colegas de profissão, veículos de imprensa, entidades e autoridades prestaram homenagens a David nas redes sociais.
- ► Formado pela PUC-RS, foi assessor de imprensa da Livraria e Editora Sulina. Posteriormente, iniciou a carreira de repórter e editor, passando pelos jornais Correio do Povo, Diário Catarinense, Jornal da Manhã, Jornal NH e Jornal de Santa Catarina, e pelas rádios Eldorado e Guaíba e RCE TV.
- Nos anos 1990, assumiu como editor de Esportes de Zero Hora.

(*) Com o portal Coletiva.Net

Passou a cobrir a Seleção Brasileira e destacou-se na Copa de 1998 por seu trabalho como cronista. Para ele, além dos resultados em campo, as histórias que o futebol proporcionava também eram importantes. Ultimamente, escrevia uma coluna diária no iornal Zero Hora e participava



dos programas Timeline e Sala de Redação, na Rádio Gaúcha.

- ▶ É autor dos livros *Canibais* Paixão e morte na Rua do Arvoredo, Jogo de damas, Uma história do mundo, Mulheres!, Um trem para a Suíca, entre outros. Seu último livro, publicado em 2018. é Hoie eu venci o câncer. no qual conta sobre como descobriu a doença e quais métodos o aiudaram no tratamento. Desde 2013, transitava entre Boston, nos Estados Unidos, e o Brasil para realizar tratamentos experimentais.
- Também nos deixou, em 17/5, Rosvita Saueressig Laux, aos 70 anos. Ela vivia em São Paulo e. há cerca de um ano, enfrentava uma série de problemas graves de saúde. Na carreira, passou por Folha da Manhã, Coojornal, TVE. Sindicato dos Jornalistas Rio Grande do Sul Revista Amanhã Gazeta Mercantil e Valor Econômico, entre outras publicações. Deixa o marido, Ney, e os filhos Carlos e Guilherme.

Curtas-RS

- O Correspondente Ipiranga, da rádio Gaúcha, passa a se chamar Correspondente Gaúcha, pois o boletim de notícias não tem mais o patrocínio da rede de postos. A mudança limita-se ao nome, pois a estrutura seguirá inalterada.
- Outra novidade na Gaúcha é a chegada de Rodrigo Adams, que assumiu o comando do Vitrola, programa lançado em fevereiro, que leva aos ouvintes uma mistura de música, cultura e informação.
- Ainda na Gaúcha, estreou o quadro Mais Vozes, dentro do programa Gaúcha Mais, que tem o objetivo de valorizar a pluralidade, propondo diálogo entre pontos de vista distintos de um mesmo assunto que esteja em destague. O comando é de Leandro Staudt, Kelly Matos e Paulo Germano.

- A Rádio Jovem Pan News chegou a Curitiba e Londrina e movimentou as redações do Grupo RIC, afiliado da Rede Jovem Pan e da Record TV no Paraná, com 150 jornalistas. Rafaela Moron e Guilherme Rivaroli assumiram os programas RIC Notícias Dia Curitiba e RIC Notícias Dia Paraná, das 10h às 11h, de segunda a sexta. Em Londrina, o comando é de Raquel Rodrigues e de Vinícius Buganza, também apresentador do Cidade Alerta Londrina. Mais
- tarde, das 16h às 17h, o RIC Notícias Opinião tem apresentação de Eduardo Scola e comentários de Marc Sousa.
- A Gazeta do Povo lançou um projeto que oferece gratuitamente três podcasts por dia para emissoras de rádio de todo o País. Um é o Bom Dia Gazeta do Povo, boletim de cinco minutos com as últimas notícias do Brasil e do mundo. Outro é 15 minutos, que traz discussões sobre temas da atualidade, com análises e entre-
- vistas de especialistas. O terceiro é Mercado Gastronômico, que oferece dicas e tendências do setor.
- O Grupo RIC está lançando a Quintal Ventures, corporate venture focada em investir em negócios inovadores. O time será formado por André Pamplona, que atuará na gestão do Quintal Ventures e tem na bagagem uma série de experiências como empreendedor de tecnologia e investidor junto ao Curitiba Angels; e Eduardo Petrelli, investidor-anjo de diversas
- empresas de sucesso e cofundador do James Delivery.
- O Grupo Folha de Londrina lançou em 26/5 a série de podcasts Banco dos Réus, que conta as histórias de cinco crimes que abalaram a cidade entre os anos de 1989 e 2019. Produzida pela equipe do jornal, coordenada e apresentada por Patrícia Maria Alves, cada um dos cinco episódios traz detalhes dos crimes são contados em uma forma de narrativa própria do gênero true crime.





Jornalistas & Cia Edição 1.361 página 44







Centro-Oeste

Gláucia Simões é a nova diretora de Comunicação da Câmara Legislativa do DF

■ Gláucia Simões assumiu na semana passada a direção de Comunicação da Câmara Legislativa do Distrito Federal (CLDF). Ela substitui a Orlando Rangel Campos Silva, que passa a integrar a assessoria da Mesa Diretora da Casa. Gláucia (ccs@cl.df.gov.br), que chega já com a missão de comandar a licitação para



escolha das agências de publicidade que vão cuidar da imagem da CLDF nos próximos anos, era responsável pela Divisão de TV e Rádio da Câmara, área agora que tem **Ananda Moura** no comando. Na equipe de Gláucia estão também, entre outros, **Claudinei Mota**, na Agência CLDF de Notícias; **Bruno Sodré** (njor@cl.df.gov.br), no Núcleo de Jornalismo e Comunicação Interativa; e **Fábio Rivas Fischer** (imprensa@cl.df.gov.br), em Redação e Relações com a Imprensa.

Curtas-DF

■ A EBC lidera no ranking de Desempenho na Qualidade de Informação de Custos, na categoria Empresas Estatais Dependentes do Tesouro. O resultado foi publicado no relatório Foco em

Custos da Secretaria do Tesouro Nacional, divulgado em 20 de maio. À frente de 18 instituições, é a terceira vez consecutiva que ela lidera o ranking. A empresa obteve, nesta edição, nota 8,668, o que representa um aumento de mais de 17% em comparação com o ano anterior, quando alcançou nota de 7,394. O ranking reconhece e estimula o esforço dos órgãos públicos para melhorar a qualidade da apuração da informação e dar cada vez mais transparência à gestão de custos. A Companhia de Pesquisas de Recursos Minerais e a Valec -Engenharia Construções e Ferrovias S.A. ocupam os segundo e terceiro lugares, respectivamente. ■ A EBC, a propósito, abriu

■ A EBC, a propósito, abriu inscrições para o 2° Processo Seletivo de Estágio. As vagas são

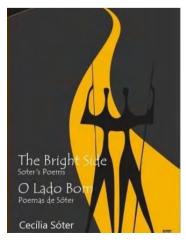
para Brasília, RJ, SP e Tabatinga (AM). Os interessados devem fazer cadastro e realizar prova online no site da Super Estágios. As inscrições são gratuitas e vão até 12 de junho. O início das convocações está previsto para o dia 14. O estagiário de nível superior receberá bolsa no valor de R\$ 600, e de nível técnico, de R\$ 500, além de auxílio-transporte no valor de R\$ 220, proporcional aos dias estagiados.

■ A Edições Câmara – editora da Câmara dos Deputados – lançou em 26/5 Declaração Universal dos Direitos Humanos Comentada, de André Rehbein Sathler, professor e doutor em Filosofia, e Renato Soares Peres Ferreira, doutor em Ciência Política, ambos servidores da instituição. A publicação tem

como propósito divulgar o texto oficial da declaração e apresentar uma explicação contextualizada, além de comentários específicos sobre cada artigo. Conforme explicam os autores, a Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH) ainda é um documento pouco lido. Por isso, o livro visa justamente a ajudar jovens e pessoas não especializadas na área a conhecer e entender o texto do documento. O e-book pode ser baixado gratuitamente na livraria virtual da Câmara e nas lojas Amazon, Apple, Google e Kobo. A versão impressa está disponível na livraria por R\$ 29.

■ Cecília Sóter, do Correio Braziliense, lançou na semana passada, no Beirute, o livro bilíngue de poemas The Bright Side – Soter's Poems/O lado bom – Poemas de Sóter. Resultado do Trabalho de Conclusão do Curso de Letras da UnB, a obra traz versões do

português para o inglês norte--americano de poemas de José Sóter, pai dela, publicados durante entre 1978 e 1986, no contexto do Regime Militar, quando a poesia dita marginal era a arma que os jovens poetas usavam para combater a dura época. Ele é composto por 26 poemas na versão original e em inglês. "Escolhi esse tema



para o meu trabalho de conclusão de curso porque também sou poeta, e sempre achei a tradução de poesia uma das mais desafiadoras. Por isso, além de escrever minhas autorais, me arrisquei a fazer esse trabalho com os poemas do meu pai", conta Cecília.

■ A Rádio Nacional de Brasília completou 64 anos de fundação nessa terça-feira (31/5). Para celebrar a data, a emissora está veiculando vinhetas durante a sua programação. São mensagens de artistas, ouvintes, internautas, entrevistados de diversas áreas. em um tributo à Rádio. Entretenimento, esporte, bate-papo e notícia são alguns dos conteúdos que estão no ar pela nova programação da Rádio Nacional. Uma das metas para 2022 é estender o alcance da rede com a expansão para outras capitais.

■ Com cancelamento de duas reuniões para a tentativa de

negociação entre patrões e empregados, chegou a um impasse a renovação do Acordo Coletivo de Trabalho do jornalistas no DF. Diante disso, e a falta de novas datas para assembleias, o Sindicato dos Jornalistas decidiu levar às redações uma consulta para que os profissionais se manifestem sobre as próximas iniciativas, a fim de chegarem a um acordo que os beneficie. Mais informações <u>aqui</u>.

■ O Sindicato, aliás, lança uma série de cursos e workshops com diversos temas para aprimorar o trabalho jornalístico. Entre eles Proteção de Dados; Podcast, Jornalismo Internacional, Plataformas Digitais. Os interessados podem se inscrever individualmente, mas haverá desconto para quem se registrar no conjunto das atividades do ciclo. Em razão da pandemia, a maioria das atividades será online. Inscrições e demais informações aqui.





SAMSUNG







Movimento Landell de Moura

Por Hamilton Almeida, especial

Igreja em que Landell foi capelão será reinaugurada após restauração

No próximo sábado, 4 de junho, às 17h, a igreja do Nosso Senhor do Bonfim será reinaugurada em Porto Alegre com a presença do arcebispo metropolitano Dom Jaime Spengler, e autoridades municipais. Ali, o



padre Roberto Landell de Moura, inventor brasileiro do rádio, começou a carreira eclesiástica, como capelão, aos 26 anos, em 1887.

Muito antes de se transformar em um pioneiro do rádio no Brasil e no mundo, Landell, recém-chegado da Itália, onde fora cursar o seminário e estudar Física e Química, formulava a sua teoria sobre a "Unidade das forças físicas e a harmonia do Universo" e intuía a possibilidade da comunicação pelo ar.

De lá acompanhou a abolição da escravidão (13 de maio de 1888), a Proclamação da República (15 de novembro de 1889). o nascimento do Estado laico...

Muitas mudanças ocorreriam também na vida dele: em 1891, iria para Uruguaiana (RS) e depois para Santos, Campinas e São Paulo (capital), onde faria, na presença de diversas testemunhas, a mais antiga transmissão

de voz por ondas de rádio, em julho de 1899.

A capela do Bonfim, que dá nome ao bairro, não atravessou os anos incólume. Erguida por entre 1867-1870 com mão de obra de negros escravizados, foi parcialmente concluída em 1883. Ficava em frente à Várzea que, após a abolição, passou a denominar-se Parque da Redenção, atual Parque Farroupilha, relata o padre Lírio Celestino Pezzini, há quatro anos trabalhando no local.

Reformas, incêndio, perigo de desabamento... o prédio histórico sentiu o peso da idade, até ser tombado pelo município (1979) e recuperado. Pouco antes do início da pandemia da Covid-19, começou a restauração total da igreja de 332 m², que recuperou as imagens e as cores originais do século XIX, afirma padre Lírio. As obras foram coordenadas pelo arquiteto Lucas Bernardes Volpatto.

Quinze imagens foram restauradas, entre elas a de N.S. Bonfim, N.S. da Conceição ("de madeira, a mais valiosa e que estava em pior estado"), São José e Sta. Catarina de Alexandria, informa Anice Jaroczinski, conservadora e restauradora de bens culturais móveis e integrados. Ela foi contratada para restaurar as pinturas, que estavam muito sujas e com infiltração de água.

No altar central, removeu as repinturas, recuperando o original, marmorizado. Ela descreve que a maior dificuldade foi que "as pinturas estavam muito apagadas". Há três altares, paredes com pinturas de anios e colunas gregas e teto de madeira.

O templo está do jeito que padre Landell o conheceu. Mais uma vez, o edifício renasceu. Quem sabe o tão esquecido pioneiro das telecomunicações também possa renascer na memória nacional...



Igreia do Bonfim

Anjo do Arco Cruzeiro **DFPOIS**





ANTES Coro da capela DEPOIS





ANTES N.S. da Conceicao **DEPOIS**





SAMSUNG





Norte

q As comemorações pelo bicentenário da imprensa no Pará, promovidas pela Academia Paraense de Jornalismo (APJ), continuaram em 28/6, no Solar da Beira, em Belém, com a ideia de resgatar o protagonismo histórico da imprensa paraense. Franssinete Florenzano, presidente da APJ, foi a anfitriã da festa. As come-

morações do bicentenário do jornalismo no Pará prosseguem ao longo deste ano, com o intuito de compartilhar com os novos comunicadores a retomada da Academia Popular Peixe Frito, que, segundo Franssinete, foi "uma entidade que reunia 13 intelectuais, precursores da Semana da Arte Moderna de 1922".

q Moisés Rosa, jornalista paraen-

se formado pela faculdade Estácio, mora e trabalha em Florianópolis. Ele atua desde 2020 na BestPosts, uma das agências de comunicação do estado, fruto de uma página de notícias e humor que ultrapassa até a Globo SC em números de audiência. Antes de Floripa, Moisés trabalhou na Secom-PA.

q Andréa Amazonas integra



desde abril passado a Comissão Nacional de Marketing Jurídico da Associação Brasileira de Advogados (ABA). Ela também é diretora da agência Amazonas Digital Comunicação e Marketing.

■ Elck Oliveira está de volta à comunicação do Governo do Pará, na Secretaria de Estado de Ciência, Tecnologia e Educação Profissional e Tecnológica (Sec-





tet), depois de uma passagem pela assessoria de comunicação da Prefeitura de Marituba.

■ Keyth Washington, que mora



e trabalha em São Paulo, está desde o início de maio em um novo cargo, de coordenadora de atendimento na agência Ideal H+K Strategies.

Moisés Rosa

q O radialista Edgar Augusto Proença foi homenageado em 27/5 na Câmara Municipal de Belém pelos 50 anos ininterruptos no ar do programa Feira do Som, que ele apresenta na rádio Cultura FM. q Karla Albuquerque, editora da GloboNews que trabalhou na TV Liberal, e três colegas do canal criaram um perfil no Instagram com dicas de jornalismo, cursos,

lives etc. Eles também têm feito palestras e papos virtuais gratuitos



em várias faculdades de Comunicação. <u>Confira!</u> (Com a colaboração de **Dedé Mesquita** – <u>dedemesquita@gmail.</u> com)



■ Mariza Tavares lançará em parceria com o doutor em Letras José Godoy o livro infantil Os

<u>Gatos detetives e a destruição da</u> <u>horta</u> (Nanabooks). As ilustrações são do cartunista **Venes Caitano**.



As datas de lançamento são 4/6, no Rio de Janeiro, na Livraria da Travessa do Shopping Leblon, às 16h; e 11/6, em São Paulo, na Livraria da Travessa de Pinheiros, às 16 horas.

Márcio Blanco Cava lança em 7/6, às 20h, o livro Cidade das estátuas, seu sétimo romance. Será no São Cristovão Bar e Restaurante (rua Purpurina, 370), em São Paulo.







Abertas as inscrições para nova edição do Programa Acelerando a Transformação Digital...

■ O International Center for Journalists (ICFJ), abriu, em parceria

com o Meta Journalism Project, inscrições para o Programa Ace-



lerando a Transformação Digital. Com mentoria e bolsa de US\$ 15 mil, esta edição será focada em Educação Midiática e Combate à Desinformação.

- Organizações, empresas e veículos de comunicação que participaram das fases de treinamento realizadas nos últimos meses, em parceria com a Associação Nacional de Jornais (ANJ) e outras associações, podem aplicar seus projetos.
- ► A iniciativa busca acelerar propostas que atuam na luta contra a desinformação, como combate a

fake news, verificação de fatos e alfabetização sobre mídia digital, por exemplo, em especial as que envolvem a manutenção ou o desenvolvimento de audiências iovens

► Para participar, os interessados devem atender a alguns requisitos, como terem participado de 75% da Fase de Treinamento em qualquer uma das edições; fazerem uma descrição clara do que consiste o projeto e de como serão usados os recursos; e estarem alinhados aos Termos e Condições do programa.

...e para programa de capacitação de jornalismo local do Google

■ A Google News Initiative (GNI) lancou o programa GNI Local Lab Brasil, que visa a apoiar o desenvolvimento de até 100 pequenos e médios veículos de comunicação locais no Brasil. O projeto é feito em parceria com Associação de Jornalismo Digital (Ajor), Associação Nacional de Editores de Revistas (Aner) e

Associação Nacional de Jornais (ANJ). As inscrições vão até 26 de iunho.

► Os selecionados receberão treinamento e apoio técnico do Google para desenvolver infraestruturas, melhorar a audiência e desenvolver estratégias de negócios. Ao longo de dez meses, o programa capacitará os veículos

para que se desenvolvam de forma sustentável e continuem produzindo conteúdos iornalísticos relevantes para as suas comunidades.

► Podem participar veículos impressos, digitais, rádios e emissoras de televisão em operação há pelo menos 12 meses e que empreguem de 2 a 100 jornalistas em tempo integral em suas redacões. O GNI Local Lab analisará os sites participantes do ponto de vista de desempenho e monetizacão, e compartilhará soluções por meio de relatórios, workshops e encontros. Na próxima terça-feira (7/6), a organização do projeto fará uma live de perguntas e respostas no YouTube.

Podcast sobre LGBTQIA+ no futebol estreia em ge e Globoplay...

■ Com foco na diversidade de gênero e sexual, o ge e o Globoplay estreiam em junho, o podcast Nos Armários dos Vestiários: LGBTQIA+ no Futebol. Apresentado por William de Lucca e Joanna de Assis, a iniciativa vai ouvir jogadores, ex-atletas, torcedores, comentaristas, técnicos e treinadores para investigar a participação de pessoas LGB-TQIA+ no futebol.

▶ Joanna, que também é coprodutora e chefia a pesquisa do podcast, explica que a homofobia no futebol é um tema trabalhado por ela há pelo menos 16 anos e que ganhou mais intensidade recentemente.

Produzido pela Feel The Match, startup com foco em projetos audiovisuais no universo dos esportes, o podcast abordará pautas como as dificuldades de inclusão e representatividade de pessoas LGBTQIA+ dentro e fora do campo, bem como o machismo

...e Amara Moira, coluna de esportes com viés LGBT+ no UOL



- Travesti e doutora em crítica literária pela Unicamp, Amara Moira estreou uma coluna no UOL sobre esportes com viés LGBT+, feminista e antirracista. Em seu primeiro artigo, fala sobre a relação entre travestis e o futebol ao longo do tempo:
- "Alguns anos atrás, se você digitasse 'travesti' + 'futebol' no Google todas as matérias que apareceriam seriam de algum escândalo com jogadores famosos envolvendo travestis. (...) Se vocês fizerem hoje o mesmo experimen-

to, o resultado vai ser diferente".

- ▶ Por meio de seu perfil do Twitter, Amara revela que tudo começou quando Milly Lacombe a sondou sobre a possibilidade de se tornar colunista do UOL Esporte, e que foi uma das propostas mais inesperadas que já recebeu. "Mas vocês acham que eu não ia aceitar? Inesperada é meu sobrenome", brinca.
- ► Amara é torcedora do Palmeiras e afirma que vem daí sua relação de amor com o esporte. Apesar disso, ela precisou manter-se afastada dos estádios por dez anos

por medo de violência, a partir do momento que iniciou sua transição de gênero.

- ► "[O estádio] é um espaço em que a LGBTfobia é muito forte, mas ontem eu fui e quero contar um pouco disso, de como os LGBTs estão começando a fazer parte desse universo que antigamente se pensava que não tinha nada de LGBT", declarou em live do Canal UOL no YouTube.
- ► Além da coluna no UOL, Amara escreve sobre transexualidade e feminismo para o BuzzFeed Brasil.









Programa Desaparecidos no YouTube terá entrevistas exclusivas

■ O programa Desaparecidos, que aborda casos ainda não solucionados de pessoas desaparecidas no Brasil, estreia em 9 de iunho no YouTube. Produzido por Iracema Rosa Filmes e lancado em TV fechada em 2015, o programa disponibilizará os 27 episódios da primeira temporada

de forma gratuita na plataforma. com novos episódios e entrevistas exclusivas.

► A nova etapa de *Desaparecidos* terá depoimentos de policiais, especialistas, amigos e familiares das vítimas. Os novos episódios resgatarão alguns casos citados na primeira temporada para mostrar

em que estágio estão atualmente e se houve algum avanço nas investigações. Além disso, para a nova fase do programa, serão gravadas lives com os familiares das vítimas. Alguns dos conteúdos exclusivos produzidos para o canal serão feitos em parceria com a Ponte Jornalismo. (Leia+)



Transparência Internacional – Brasil e Abraji levarão jornalistas da Amazônia para Congresso de Jornalismo Investigativo

■ A Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji) e a Transparência Internacional – Brasil estão lançando um edital para levar dez jornalistas investigativos que atuam na Amazônia para a versão presencial do 17º Congresso Internacional de Jornalismo Investi-

gativo da Abraji, a ser realizado de 5 a 7 de agosto, em São Paulo. As inscrições vão até 8 de junho.

► A ideia é levar profissionais de imprensa com atuação local nos estados da chamada Amazônia Legal (Acre, Amapá, Amazonas, Mato Grosso, Pará, Rondônia,

Roraima e Tocantins e Maranhão). Os selecionados terão acesso a palestras, rodas de conversas, cursos e oficinas, realizados no campus da Fundação Armando Alvares Penteado (Faap). Passagens aéreas, hospedagem e ingresso do Congresso serão pagos por Abraji e

Transparência Internacional – Brasil. ▶ Interessados em se inscrever devem ter feito ao menos uma reportagem sobre questões relacionadas a transparência e integridade. Os selecionados serão anunciados em 13 de junho. Mais informações e inscrições aqui.

Revista Glamour Brasil tem mudanças editoriais e gráficas

■ Glamour Brasil vai priorizar conteúdo digital, assim como as edições dos Estados Unidos e do Reino Unido. A revista está agora sob o comando de Paula Mageste, CEO da Globo Condé Nast, e Giovana Romani, diretora de conteúdo da publicação.

▶ O site da revista tem novo design, um publicador - que torna os dados disponíveis para outros servidores - novo e mais rápido e com navegabilidade de fácil acesso, além de novas ferramentas e produtos, como um clube fechado de beleza. As redes sociais também ganham mais atenção, com conteúdos exclusivos para Instagram, Tik Tok e Twitter, como capas digitais, nova grade de programas e identidade visual, aos cuidados de Bruna Cambraia e Bia Tavares.

Os assinantes continuam



recebendo a versão mensal digital, mais compacta. A edição impressa terá apenas duas edicões no ano: outono/inverno, em maio, e primavera/verão, em setembro. A primeira edição impressa está nas bancas, com as três capas como opção para o leitor. Muda também o formato, maior no comprimento e no número de páginas. Uma nova fonte foi criada com exclusividade para Glamour, com design desenvolvido pelo Studio Drama de Londres, junto com Victoria Polak, a editora de arte da revista.

E mais...

■ O Centro de Matemática e Estatística Aplicada à Indústria da USP (CeMEAI/USP) disponibilizou, de forma experimental, a plataforma fakenewsbr.com, que identifica informações falsas de forma automática, utilizando inteligência artificial. A previsão é que a versão definitiva esteja pronta para operação dentro de um mês. Com 96% de índice de acerto, a ideia é que o projeto ajude a conter o fluxo de desinformação durante as eleições deste ano. Confira a plataforma.

■ O Brazil Journal lançou o BJ Podcasts, vertical focada na

produção de conteúdo original. O primeiro podcast que passa a fazer parte do projeto é *Like* a Boss, programa de entrevistas com fundadores de startups e de grandes corporações. Coprodução de Paulo Silveira e Rodrigo Dantas, Like a Boss está entrando em sua décima temporada. Interessados podem enviar ideias e projetos para podcasts@ braziljournal.com.

■ O desenhista Mauricio de Sousa venceu a categoria Audiovisual do 19º Prêmio Faz Diferença 2022, do jornal O Globo em parceria com a Federação das Indústrias do Estado do Rio de

Janeiro (Firjan), que homenageia personalidades brasileiras que inspiraram o público com seus trabalhos. Mauricio foi premiado por sua contribuição para a indústria audiovisual ao longo dos anos com seus personagens da Turma da Mônica.

■ A Plataforma Educação, que edita a revista Educação, e a Two Sides Brasil promovem nesta quinta-feira (2/6) um debate online e gratuito, das 17h às 19h30, que discutirá cognição, aprendizagem e a leitura e a escrita em papel. Participam Fernanda Teixeira Ribeiro (revista Scientific American Brasil). Isabel Falé (professora Associada do Departamento de Humanidades da Universidade Aberta de Portugal) e Stela Maris Sanmartin (professora na Universidade Federal do Espírito Santo). Mais informações e inscrições aqui.

■ A Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji) e a Associação Nacional dos Especialistas em Políticas Públicas e Gestão Governamental (Anesp) lançaram a segunda edição do curso gratuito Políticas Públicas para Jornalistas, que visa a familiarizar jornalistas e assessores com as etapas do ciclo de gestão de Políticas Públicas. As





Jornalistas & Cia Edição 1.361 **SAMSUNG**

MediaTalks



inscrições vão até 10 de junho. O treinamento será realizado de 20 junho até 20 de julho.

■ Aos Fatos iniciou sua cobertura das eleições deste ano com novidades: a empresa mudou sua metodologia, reduzindo de sete para três o número de selos de classificação de informações; o Radar Aos Fatos, ganhou um monitor em tempo real que considera termos relacionados aos prováveis candidatos à Presidência e ao sistema eleitoral: e inaugurou um canal no Telegram. Leia mais sobre as novidades.

■ Millena Machado recusou convite para comandar o Leitura Dinâmica, da Rede TV. E com o contrato nos últimos dias, deci-



diu não renovar e está de saída da emissora. O Rede TV News passará a ser apresentado por Luís Ernesto Lacombe e Érica Reis, em substituição a Augusto Xavier e Millena.

■ Seis dos 11 ministros do Supremo Tribunal Federal votaram em 27/5 contra a manutenção de Acordo Coletivo de Trabalho (ACT) e de Convenção Coletiva de Trabalho (CCT) vencidos até a fixação de um novo acordo. Na prática, após 24 meses, o CCT perde validade e direitos conquistados podem ser cancelados

até novo acordo ser assinado. O mecanismo, que tem o nome técnico de ultratividade, garantia que, enquanto um novo acordo era negociado, valiam as cláusulas com conquistas relacionadas a condições de trabalho, benefícios, reajustes salariais, piso salarial, jornada de trabalho, vale--refeição, vale-transporte e plano de saúde, entre outros benefícios. A aprovação da ultratividade era uma luta da CUT e demais centrais para que os trabalhadores mantivessem esses e outros benefícios. (Saiba+)

O Brasil no Congresso da FIJ, em Omã

■ Teve início nessa terça-feira (31/5) e vai até sexta-feira (3/6), em Mascate, capital de Omã, o 31º Congresso Mundial da Federação Internacional de Jornalistas. O encontro reúne mais de 250 participantes, representando

sindicatos e associações de jornalistas de 92 países. Os principais temas incluiem a vigilância de jornalistas e ações para acabar com a impunidade por crimes contra trabalhadores da mídia.

► Representando a Fenai, parti-

cipam do encontro a presidenta Maria José Braga e o vice-presidente Paulo Zocchi. A entidade brasileira apresentará três moções que serão submetidas ao plenário do evento: Apoio aos jornalistas brasileiros em luta em defesa da

democracia e contra as agressões sistemáticas de Bolsonaro; Apoio ao jornalista brasileiro Rubens Valente em sua petição à Comissão Interamericana de Direitos Humanos e Campanha Internacional pela Vida e Liberdade de Assange.



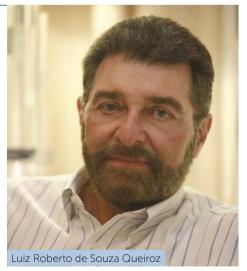
Nosso estoque do Memórias da Redação continua baixo. Se você tem alguma história de redação interessante para contar mande para baroncelli@jornalistasecia.com.br.

■ A história desta semana é novamente de Luiz Roberto de Souza Queiroz, o Bebeto (lrobertoqueiroz@uol.com.br), assíduo colaborador deste espaço, que esteve por muitos anos no Estadão e hoje atua em sua própria empresa de comunicação.

A lacuna que faltava, o cadáver do morto e a cachina de Vigário Geral – as bestagens publicadas pela imprensa

"O cadáver do morto foi encontrado no fundo do poço", "O Ibirapuera estava cheio de aves, entre as quais vários bem-vos-vis", "O juiz disse que a ação não era da sua ossada" e a famosa errata desculpando-se porque, "ao contrário do que foi publicado, Jesus Cristo não foi enforcado, mas crucificado". Essas são apenas algumas das barbaridades que ao longo dos anos eram relembradas nas redações.

Agora, porém, Francisco Ornellas resgatou uma coleção de bobagens registradas por Cecília Thompson, que nos deixou há três anos, e por outros jornalistas do Estadão, que ele chegou a usar no famoso Curso de Focas. Embora não esteja incluído no rol o título 'pornográfico' de 8 colunas na primeira página do Estadão, perpetrado por Lenildo Tabosa Pessoa, e que certamente ainda faz o dr.



Julinho Mesquita revirar-se no túmulo: "REALIZOU-SE A CÚPULA; NOVO COLÓQUIO AMANHÃ".

Aí vão os registros da Cecília: "Enquanto as máquinas retiravam a terra, os três corpos esperavam a sete pés, abaixo dos curiosos"; "Os bombeiros entravam no buraco com



vivox











pás, picaretas, mas sobretudo com seus músculos"; "Os sagueadores levaram 50 dúzias de ovos, 108 quilos de biscoito, 300 de macarrão e o estranho é que gente faminta e subnutrida conseguiu carregar tanta mercadoria".

"Os peixes serão vendidos no entreposto dias 30 e 31, mas não funcionarão dia 1º"; "A fome está ladrando nas periferias, com a inflação de 200% ao ano e a moral pública



Cecília, na época em que trabalhou no Estadão, e Ornellas, atualmente

erosada"; 'O rei Carlos e a rainha Silvia, da Suécia, visitaram o hospital que é o maior centro de reabilitação automotora da América Latina".

"Ulysses Guimarães ficou atravancado pela multidão, o suor borbulhava de sua careca"; "Para que se entenda, é preciso compreendê-lo"; "O capitão Clemente, da PM, que coordena a estratégia da violência da Secretaria de Segurança"; "Caso não apareçam as chuvas

> nos próximos 15 dias, a população ficará sem água até a metade da semana que vem"; "Em Ubatumirim é feito o levantamento dos 40 posseiros que vivem na área, alguns desde o século XVIII".

"Os municípios mais chovidos do Maranhão são Joselândia e Penalva"; "As garagens são abertas com portas que se abrem

e fecham manualmente"; "No campus do Mackenzie estão afixados o prédio e a sala em que o candidato fará exame"; "Em São Paulo, a fauna silvestre está semiextinta por completo"; "A área será desapropriada, mesmo que a terra produza alta produção e boa produtividade"; "São Paulo é um contraste de coisas diversas"; "O fogo é imprevisível, e quando os bombeiros chegam ao local o incêndio já está ocorrendo".

"O chão estava coberto de vidros, cena bonita, pois quando banhado pela fraca luz das lâmpadas davam um brilho especial a toda a depredação". "Os peneus (sic) dos ônibus com aquele seu ar de superiores quando ameaçam os pequenos veículos particulares, permaneciam imóveis, estáticos, impotentes. Eles estavam vazios e pareciam tendo se rendido na luta que travam todos os dias com o asfalto"; "O prefeito explicou que o problema da

poluição é controlado a nível industrial pela Cetesb"; "Nunca vamos nos recuperar do saque do supermercado, que causou prejuízo incalculável, cinco milhões".

"'Várias pessoas foram à Regional



retirar os habices de suas casas"; "Os caminhões Scania procuravam uns aos outros e ciumentamente afastavam do seu núcleo as outras marcas": "A remarcação atingiu vários produtos, inclusive os aderentes íntimos"; "Os pais devem orientar seus filhos a seguir os extintos"; "A casa conta com armários embotidos"; "Outra tumba é equipada com água encanada, para que o defunto não morra de sede".

"Seus colegas, segundo disse, consomem desde cachaca até maconha, incluindo algumas meninas"; "O sequestro do empresário João Grandezi, em Campinas, já está solucionado, mas os seguestradores não estão detidos e nem o empresário foi solto"; "O escritório não oferece qualquer segurança, a não ser pelo trabalho de dois vigias em tempo integral"; "Trabalharam no combate

ao incêndio 220 pessoas, além de 100 portuários"; "Até hoje Uberlândia não conta com um Plano Diretor para direcionar sua desenvoltura": "A população ainda discute se foi acertada a medida de acabar com a única e principal avenida central".

"Expedito faleceu por asfixia em virtude de enorme pedaço de carne que se encaixou na garganta"; "Dos corpos encontrados junto à estrada, pouco restou, disse o delegado, de um deles só temos uma calça jeans e um tênis branco"; "Na porta, Joira Santos Tolosa presenciava tudo sem a menor reação, só chorava"; "A biodiversidade de escolha é levada em consideração, quando adentramos o terreno da individualidade humana, onde a razão tem razões que a própria razão desconhece"; "O professor morreu com um tiro na testa e outro na cabeça".